

**Padrões Hegemônicos de Beleza, sua Disseminação através do Instagram e
Consequências para Prática Clínica: Um Recorte Étnico-racial**

Autor: João Marcelo Santos Silva do Nascimento

Brasília – DF

Dezembro de 2020



Centro Universitário de Brasília - UniCEUB
Faculdade de Ciências da Educação e Saúde - FACES
Curso de Psicologia

**Padrões Hegemônicos de Beleza, sua Disseminação através do Instagram e
Consequências para Prática Clínica: Um Recorte Étnico-racial**

Autor: João Marcelo Santos Silva do Nascimento

Monografia apresentada à Faculdade de
Ciências da Educação e Saúde - FACES do
Centro Universitário de Brasília - UniCEUB
como requisito parcial à conclusão do curso de
Psicologia.

Professora Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Ana Flávia
do Amaral Madureira

Brasília – DF

Dezembro de 2020

Folha de Avaliação

Nome: João Marcelo Santos Silva do Nascimento

Título: Padrões Hegemônicos de Beleza, sua Disseminação através do Instagram e

Consequências para Prática Clínica: Um Recorte Étnico-racial

Banca Examinadora:

Professora orientadora: Prof^a. Dr^a. Ana Flávia do Amaral Madureira

Prof. Me. Leonardo Cavalcante de Araújo Mello

Prof. Dr. Juliano Moreira Lagoas

Brasília – DF

Dezembro de 2020

Agradecimentos

Agradeço, em primeiro lugar, a Deus por ter me guiado até esse dia tão importante mesmo em meio a tantas dificuldades.

A minha família que sempre e será meu porto seguro. Em especial, agradeço a minha mãe Djanira pelo exemplo de conduta, resiliência, sensibilidade e amor. Agradeço por ter me proporcionado o privilégio de, ao longo de toda a minha vida, dividir o teto com o maior referencial que alguém pode ter.

Agradeço a minha noiva, Laura Cerqueira, por toda a paciência, dedicação e apoio nos momentos onde eu julgava ser impossível continuar.

Agradeço aos colegas de curso com quem aprendi o real valor da cooperação e o real significado de troca. Em especial agradeço a: Teresa Salim, Patrícia Ferrão, Marcos Brito e Luiza Tavares. Sem vocês não seria possível.

Grito aos quatro ventos a minha mais profunda gratidão a minha professora e orientadora Ana Flávia Madureira por ter acreditado em mim até quando eu mesmo já não acreditava mais. Sua compreensão e apoio nos dias que antecederam a conclusão desse trabalho foram os remédios que precisei quando a saúde, em alguma instância, me faltou devido a uma grave lesão. Obrigado por entrar para seletor grupo de grandes inspirações que carregarei comigo por toda a minha vida.

Por fim, agradeço a música por ter sido hoje e sempre o meu lugar seguro.

Se Jesus Cristo tivesse sido mais radical e dito: 'Ama o teu inimigo como a ti mesmo', não teria dito o que queria dizer. O próximo é um conceito geral, enquanto o inimigo é um detalhe. O mal, portanto, não reside no fato de odiarmos nossos inimigos, que são poucos, mas no fato de não amarmos suficientemente os que nos são próximos, que são muitos, de se perder a conta.

Tchékhov, "Cartas a Suvórin", carta 17.

Sumário

Resumo	vii
Introdução	01
Objetivo Geral	10
Objetivos Específicos	10
1. Imagens nas Sociedades Contemporâneas a partir da Psicologia Cultural	11
2. Imagens, Relações de Poder e Significados Culturais Subjacentes	17
3. Recursos Visuais e suas Influências nas Construções Étnico-Raciais	22
4. Metodologia	27
1. Participantes.....	28
2. Materiais e instrumentos	29
3. Procedimentos de construção de informações	30
4. Procedimentos de análise	31
5. Resultados e Discussão	32
1. Os padrões de beleza em discussão: diferentes olhares a partir do pertencimento étnico-racial dos participantes	32
2. Aparência corporal, redes sociais e saúde mental	36
3. Padrões hegemônicos de beleza e a difusão de diferentes tipos de preconceito no cotidiano	41
Considerações Finais	43
Referências Bibliográficas	46
Anexos	50
Anexo A	51
Anexo B	52
Anexo C	54
Anexo D	57

Resumo

A presente pesquisa tem como objetivo analisar os impactos subjetivos produzidos pelos padrões hegemônicos de beleza nas construções identitárias, psicológicas e na auto-percepção de pessoas negras, a partir da análise da rede social *Instagram* na percepção dos participantes da pesquisa e suas implicações no contexto clínico e na formação em Psicologia. Para tal, foi utilizada como base teórica a Psicologia Cultural e, no que diz respeito aos aspectos metodológicos, foi utilizada a metodologia qualitativa. Foram realizadas entrevistas individuais semiestruturadas virtuais, de forma integrada à apresentação de imagens previamente selecionadas, com seis estudantes de psicologia. Para análise das informações construídas nas entrevistas realizadas foi utilizado o método da análise de conteúdo. Após a transcrição das entrevistas, foram elaboradas três categorias analíticas temáticas: 1) Os padrões de beleza em discussão: diferentes olhares a partir do pertencimento étnico-racial dos (as) participantes; 2) Aparência corporal, redes sociais e saúde mental; e 3) Padrões hegemônicos de beleza e a difusão de diferentes tipos de preconceito no cotidiano. Os resultados indicaram a importância da discussão a respeito dos alcances e consequências do uso de redes sociais na sociedade brasileira contemporânea e sua dimensão sociocultural, no que tange questões referentes aos padrões estéticos hegemônicos, sua difusão e correlações com temas como: racismo e comprometimento da saúde mental. Através da percepção dos/as participantes, notou-se como essas questões estão sendo pouquíssimo abordadas na formação acadêmica em Psicologia, mesmo sendo reconhecidamente relevantes na contemporaneidade e trazendo implicações preocupantes no que se refere a diversas modalidades de sofrimento psíquico.

Palavras-chave: Padrões estéticos hegemônicos; Racismo; Sofrimento psíquico; Redes sociais; Psicologia Clínica

Introdução

A relação do ser humano com as imagens é uma questão extremamente rica e relevante. Para melhor compreender essa tão complexa interação, é necessário analisar diferentes conceitos que perpassam a relação. Particularmente, dentro desse grande universo de possibilidades, alguns recortes me chamam a atenção. Entre eles, está a questão dos padrões hegemônicos de beleza, o conceito do que é belo, as razões pelas quais consideramos determinadas coisas bonitas e outras não, quem os determina, porque os determina, quais as implicações e processos psicológicos envolvidos e de que forma somos afetados com isso enquanto indivíduos e, em um sentido mais amplo, como sociedade.

Segundo Jameson (1985), o advento da pós-modernidade revelou a lógica cultural do capitalismo avançado, responsável pela criação de uma nova ordem mundial e econômica designada como sociedade pós-industrial ou de consumo, sociedade de mídia ou do espetáculo. Diante do ideal de valores espetacularizados e de consumo que pautam a forma de ser da individualidade do sujeito pós-moderno, é que surgem contínuas transformações produzidas pela mídia com base no apelo estético, afetando profundamente o cotidiano dos indivíduos e influenciando, direta ou indiretamente, o sistema de representações que configura a imaginação do indivíduo. De acordo com Hall (2011), estamos vivendo em uma época marcada pela fragmentação, descentralização e deslocamento das identidades, rompendo, assim, com a ideia de uma “identidade estável”.

Diante disso, consolida-se um quadro onde, por meio de um universo simbólico intencionalmente criado sob a ótica do capitalismo, pessoas são, direta ou indiretamente, influenciadas no que define seus ideais, atitudes, comportamentos, padrões estéticos e valores. Criando, assim, uma relação onde: “os sujeitos decompõem ativamente mensagens

comunicadas a eles por meio de signos - e as recompõem em novos padrões intra-psíquicos, os quais são construtivamente trazidos para os outros acessá-los” (Valsiner, 2014, p. 69).

Tal discussão ilustra a relevância acadêmica do estudo acerca das imagens. Para Madureira (2016), as imagens são importantes ferramentas: (a) metodológicas em pesquisas qualitativas; (b) educacionais para promover debates e reflexões críticas; e (c) analíticas para analisar determinados temas relevantes. Considerando essa dimensão analítica, me interessa entender, de forma mais aprofundada, de onde vem os significados culturais pejorativos acerca dos corpos de pessoas negras. Assim, em síntese, as próprias imagens são signos a serem interpretados.

No contexto dessa discussão acerca das imagens, vale destacar a concepção que imagens podem vir a ser consideradas como reflexo do real. Entretanto, Santaella (2012) destaca a importância da leitura de imagens e dos significados que elas carregam, pois geralmente tais aspectos não são levados em consideração. Não costumamos buscar os significados subjacentes que cada imagem carrega. Assim, a autora também destaca a importância da alfabetização visual que, voltada a aprendizagem escolar, é um processo de desenvolvimento sistemático de “habilidades envolvidas na leitura de imagens de modo a levar ao compartilhamento de significados atribuídos a um corpo comum de informações” (Santaella, 2012, p. 11). Ainda, de acordo com a autora em questão, aprender a ler as imagens é compreender como elas se constituem, afastando assim a possibilidade de considerá-las como um reflexo do real.

Outra vertente de destaque na leitura de imagens, é o uso de imagens no contexto artístico, mais precisamente por meio da pintura. De acordo com Madureira (2016), os processos de significação envolvem não apenas signos verbais, mas também signos visuais.

Assim, se as imagens, enquanto artefatos culturais, constituem, de fato, uma força significativa para a reprodução de relações de poder historicamente estabelecidas, torna-se

possível analisar a influência fundamental dos signos, incluindo os signos visuais, na cultura pessoal dos indivíduos. Nesse sentido, Valsiner (2012, p. 12) afirma que “a cultura pessoal está em interdependência com o domínio dos processos comunicativos interpessoais mediados por signos - não sendo porém, determinada por eles”.

Nesse sentido, Valsiner (2012) destaca três conceituações no que se refere à relação existente entre cultura e pessoa: a primeira apresenta a pessoa como parte pertencente da cultura, admitindo a existência de similaridades entre os indivíduos que dessa cultura compartilham. A segunda destaca a presença de um movimento inverso, ou seja, a cultura é que pertence à pessoa, e, por consequência, exerce influências significativas nos seus processos de significação. Admitindo, assim, que os indivíduos têm seu modo particular de ser, ainda que comunguem culturalmente de determinados significados. E a terceira conceituação destaca que a construção da cultura se dá na interação construída da pessoa com o ambiente.

No interior dos diferentes contextos culturais, os signos visuais cumprem um papel muito importante no processo de significação, especialmente no âmbito das sociedades imagéticas. Nessa direção, Santaella (2012, p. 3) destaca que atualmente vivemos em uma “verdadeira floresta de signos” e que, cercado por imagens, aprendemos a lê-las de maneira intuitiva e talvez ingênua. Assim, a autora destaca também a importância da “alfabetização virtual” para que possamos desenvolver uma leitura crítica dessas imagens nos permitindo discutir práticas do olhar e as práticas de produção, circulação e construção de sentidos atribuídos a elas.

A partir do conceito de leitura de imagens, cultura e da nossa inserção em uma sociedade cada vez mais imagética, um desse recortes que mais interessa dentro do escopo dos padrões estéticos hegemônicos é o recorte étnico-racial e como o fenômeno do racismo opera na constituição subjetiva de homens negros e mulheres negras a partir da exposição de

imagens e do que se considera socialmente como “belo”. Assim, o presente trabalho busca analisar as possíveis consequências da disseminação de padrões hegemônicos de beleza através da rede social *Instagram* e suas consequências para a prática clínica a partir de um recorte étnico- racial.

Para explorar questões relativas aos padrões hegemônicos de beleza e questões étnico- raciais, é necessário discutir outros assuntos de extrema relevância como: questões de gênero, processos identitários e práticas discriminatórias, sofrimento psíquico e, por isso, esses temas também foram abordados, ainda que de forma tangencial.

Diante de várias maneiras pelas quais os padrões de beleza e suas consequências podem ser analisados, penso ser relevante avaliar a existência deles nas redes sociais pois, nos dias atuais, o fenômeno das redes sociais e suas implicações no cotidiano é praticamente indissociável de nossas vidas. Creio que as redes sociais como um todo constituem um campo pouco explorado em pesquisas na Psicologia, embora apresente um potencial enorme e em constante crescimento.

Analisando a rede social *Instagram*, dados divulgados pela própria plataforma mostram que essa rede social atingiu o impressionante número de 1 bilhão de usuários ativos em meados de Julho de 2018¹. Assim, as redes sociais extrapolaram o conceito de plataforma de interação para se tornarem também um local de expressão de tendências culturais, comportamentos e ideias. Nesse sentido, as redes sociais aparecem como um sistema que está sempre se modificando e tais modificações acontecem de forma individual e grupal, fazendo uso das relações entre as pessoas como motivo de reconhecimento e de sua própria identificação (Meneses & Sarriela, 2005).

¹*Instagram* já tem 1 bilhão de usuários ativos por mês. Disponível em: <https://www.tecmundo.com.br/redes-sociais/131503-instagram-tem-1-bilhao-usuarios-ativos-mes.htm>

Percebemos, então, que as representações do que é belo nas redes sociais estão diretamente ligadas às representações de homens e mulheres brancos, magros e heterossexuais. A popularização desses padrões, o aproxima do cotidiano dos indivíduos, tornando-os os padrões vigentes e, por isso, desejados por grande parte da população. Isso ocorre porque a difusão desses padrões acaba não se limitando à esfera das redes sociais, atingindo as mais diversas instâncias da cultura e do nosso cotidiano a ponto de nos percebermos, em alguma instância, dependentes de tal padronização. Logo, é relevante mencionar que o problema de pesquisa delimitado é: como a disseminação de padrões estéticos hegemônicos através do *Instagram* impacta nas construções identitárias e na auto-percepção de pessoas negras?

Considerando que, ao meu ver, a prática clínica em psicologia está pautada não só no contexto de psicoterapia, mas sobretudo no desenvolvimento da sensibilidade necessária no tratar com o ser humano nos mais diversos contextos nos quais este se insere. Vale destacar a importância na prática clínica de, a partir de encontros humanizados, desenvolver um vínculo empático com as pessoas atendidas. Nisso, se dá a complexidade do tema focalizado nesse trabalho.

Este é um tema pouco explorado na psicologia e com ampla possibilidade em termos de contribuição no campo das questões étnico-raciais. Além disso, um maior número de trabalhos acadêmicos produzidos por pessoas negras podem nos conferir maior espaço nesse ambiente que, durante tanto tempo, nos foi praticamente vetado em meio a diversos processos de invisibilização, exclusão e manutenção de privilégios associados a branquitude. Nesse sentido, Ribeiro (2019) defende que a posição social do privilégio vem atrelada a violência ainda que determinado sujeito não seja deliberadamente violento. Ainda tratando sobre camadas hegemonicamente dominantes e racismo, Almeida (2019) diz que:

A consequência de práticas de discriminação direta e indireta ao longo o tempo leva a estratificação social, um fenômeno intergeracional, em que o percurso de vida de todos os membros de um grupo social — o que inclui as chances de ascensão social, de reconhecimento e de sustento material — é afetado (p. 23).

A questão dos padrões hegemônicos de beleza é um tema pouco abordado na psicologia, enquanto ciência e campo de atuação profissional. No entanto, trata-se de um problema social sério, sobretudo quando observamos com o foco de análise voltado a um recorte étnico-racial. Pois, por motivos genéticos, negros jamais atingirão um padrão de beleza hegemônico pautado em traços socialmente associados à branquitude. Assim, nota-se mais uma expressão do racismo, onde apenas os traços predominantemente brancos são definidos como belos. Esse recorte contempla também problemáticas tangenciais como questões ligadas à heteronormatividade, exploração do corpo feminino e outros temas tão presentes nas relações sociais e, conseqüentemente, nos mais diversos locais de inserção profissional dos/as psicólogos/as.

Nesse sentido, Carone e Bento (2014) afirmam que o primeiro passo da exclusão moral é desvalorização do outro como pessoa e, no limite, como ser humano. Os excluídos moralmente são considerados sem valor, indignos e, portando, passíveis de serem prejudicados ou explorados. Logo, a definição de padrões hegemônicos de beleza se apresenta como parte de um processo psicossocial de exclusão moral. Isso se dá através da associação entre negritude e defeito ou imperfeição.

Quais são os critérios utilizados na definição do que é belo? Como pessoas que não se enquadram nas definições vigentes lidam com tal questão? Quais são as conseqüências geradas por essa exclusão dos padrões estéticos hegemônicos no que diz respeito à saúde mental e à formação dos processos identitários? Tais escolhas e padronizações são oriundas

de construções normativas pautadas na manutenção de determinados privilégios. Sendo assim, surgem questões importantes como: de que forma o negro é visto em meio a esses critérios de beleza? Essa visão é reproduzida pelo próprio negro em sua auto-percepção, ou não?

Como negro, com considerável experiência como modelo e estudante de psicologia, percebo que a questão da aparência corporal, principalmente a aceitação estética do negro por parte de si próprio e por parte das pessoas no cotidiano, é fundamental para pensar criticamente e discutir as relações raciais no Brasil e a saúde mental desse grupo. Redes sociais como: *Facebook*, *Tinder* e, principalmente, o *Instagram* por lidarem diretamente com imagens, são campos interessantes para analisar as representações estéticas produzidas, divulgadas, e não-reveladas acerca dos negros no Brasil.

Tomando como o base o mercado da moda que estabelece muitas das tendências no que diz respeito aos padrões estéticos hegemônicos, temos indicadores que chamam a atenção para o pouco espaço no Brasil atribuído aos povos negros e indígenas, por exemplo. Historicamente, vemos que os grandes centros da moda estão localizados no continente europeu. Da mesma maneira, o padrão dos modelos envolvidos segue o que é difundido pelos países europeus ditos como “berço da moda mundial”, excluindo, assim, muitos povos que acabam por ser invisibilizados no mercado da moda e os excluindo, também, do que é considerado socialmente como belo.

Em 2009, a São Paulo Fashion Week² assinou um Termo de Ajustamento de Conduta com o Ministério Público. Esse documento, firmava o compromisso com as marcas envolvidas no evento para que 10% do seu “casting” fosse composto por negros, afrodescendentes e indígenas. Na edição de 2018, 280 dos 976 “looks desfilados” foram

²SPFW tenta incluir negros mas fica a um abismo de distância de grifes européias. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2018/10/spfw-tenta-incluir-negros-mas-fica-a-um-abismo-de-distancia-de-grifes-europeias.shtml>

vestidos por negros e indígenas, ou seja, 28%. Esses dados apresentam baixa confiabilidade devido a um viés que se dá pelo fato de haver repetição de modelos nessa categoria e por um fator que esconde uma triste realidade: não fossem as estreias de 10 marcas independentes, o percentual cairia para pouco mais de 10%. Isso mostra uma perspectiva otimista por parte de novas marcas, mas ainda assim um percentual muito pequeno, quando consideramos o grupo étnico que representa mais de 56% da população brasileira.

No que se refere às desigualdades raciais, o analfabetismo é maior e a renda é menor entre negros e pardos: a renda em salários mínimos é de 5,25 entre os brancos; 2,54 entre os pardos e 2,43 entre os negros. O analfabetismo é de 8,3% entre os brancos, 19,6% entre os pardos e 21% entre os pretos do País (IBGE)³.

Cabe mencionar, também, que segundo o IPEA⁴, 70% do contingente que vive abaixo da linha da pobreza é negro (22 milhões no total). Dos 53 milhões de brasileiros que vivem na pobreza, 63% são negros. Segundo a pesquisa realizada pelo IBGE, 53,6% da população jovem branca (de 20 a 24 anos) cursa o ensino superior; quanto aos pretos e pardos, apenas 15,8%. Assim, os indicadores estatísticos apresentados mostram que existe uma realidade que envolve inúmeras desigualdades para além do universo da moda, atingindo também áreas como educação e questões socioeconômicas, refletindo em diversos níveis da nossa sociedade e evidenciando, portanto, que o tema em questão é de suma relevância social, enquanto objeto de estudo.

A discussão apresentada anteriormente evidencia a necessidade de se abordar e discutir questões referentes aos padrões hegemônicos de beleza e as temáticas tangenciais a esse tema como o preconceito e questões étnico-raciais como um todo. Ao longo do curso de

³ Desigualdades Sociais por Cor ou Raça no Brasil – pesquisa divulgada pelo IBGE em 2018. Disponível em: https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101681_informativo.pdf

⁴ Distribuição de Renda nos Anos 2010: Uma Década Perdida para Desigualdade e Pobreza – pesquisa realizada entre 2010 e 2018 e divulgada pelo IPEA em 2020. Disponível em: https://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/TDs/201106_td_2610_web.pdf

psicologia, percebi que apesar de muitos alunos sentirem a necessidade e acreditarem na importância de promover discussões acerca do racismo e dos padrões hegemônicos de beleza para a prática profissional, outros se mantêm alheios à temática, ainda que ela esteja articulada a desafios éticos importantes na atuação em psicologia, conforme previsto nos princípios fundamentais do código de ética profissional do psicólogo (Conselho Federal de Psicologia, 2014, p. 7):

O psicólogo trabalhará visando promover a saúde e a qualidade de vida das pessoas e das coletividades e contribuirá para a eliminação de quaisquer formas de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão.

Nesse sentido, Dutra (2004) também ressalta a importância do ato clínico ser pautado principalmente pela ética frente aos fenômenos que lhes são apresentados nas mais diversas circunstâncias. Ou seja, para além de concepções teóricas e metodológicas que são muito importantes, mas dando necessário destaque à ética.

Em síntese, os debates sobre preconceito étnico-racial, auto-imagem e gênero estão cada vez mais presentes em nossa sociedade. Logo, a compreensão e conhecimentos sobre práticas discriminatórias passam a fazer parte da construção de um ambiente com melhores indicadores para o desenvolvimento profissional satisfatório na formação em psicologia como um todo e da área clínica.

Assim, a presente Monografia segue a seguinte organização: serão apresentadas três seções teóricas, nas quais são apresentados conceitos que fundamentam a pesquisa. Em seguida, serão apresentadas a seção metodológica e a seção de resultados e discussão. Na seção resultados e discussão são apresentadas três categorias analíticas que orientaram o

trabalho interpretativo do pesquisador e, por fim, as considerações finais. São apresentados, a seguir, os objetivos da pesquisa.

Objetivo Geral

- Analisar os impactos subjetivos produzidos pelos padrões hegemônicos de beleza nas construções identitárias, psicológicas e na auto-percepção de pessoas negras, a partir da análise da rede social *Instagram* na percepção dos participantes da pesquisa e suas implicações no contexto clínico.

Objetivos Específicos

- Compreender a vivência de pessoas negras em relação ao *Instagram* frente à convivência com um padrão de beleza hegemônico que exclui pessoas negras;
- Entender quais implicações as representações de beleza expostas nas redes sociais podem favorecer o comprometimento da saúde mental de diversos grupos;
- Analisar as relações existentes entre padrões hegemônicos de beleza, questões étnico-raciais, classes socioeconômicas e preconceito.

1. Imagens nas Sociedades Contemporâneas a partir da Psicologia Cultural

As imagens têm assumido um papel significativo na contemporaneidade na construção de significados, conceitos, representações, sendo um forte mecanismo de identificação. Segundo Madureira (2016), o ser humano é, por excelência, um animal simbólico. A autora também afirma que: "Precisamos de alguma forma, atribuir significado às experiências vivenciadas e ao mundo que estamos inseridos(as). Para tanto, utilizamos não apenas signos verbais, mais também signos visuais" (Madureira, 2016, p. 59).

Em suas análises acerca do conceito de "sociedade do espetáculo", Guy Debord (1997, p. 13) afirma que: "toda a vida das sociedades se apresenta como uma imensa acumulação de espetáculos. Tudo o que era vivido diretamente tornou-se representação". Os valores comumente estimulados na "sociedade do espetáculo" encontram-se pautados na exibição e difusão de imagens. Essas características funcionam como meios para que as pessoas acabem, muitas vezes, por usar máscaras e se tornem atores interpretando personagens nos mais diversos cenários sociais, colocando a autenticidade das relações em dúvida, gerando diversos impactos na construção das identidades.

Com a chegada das novas Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs) e, sobretudo, com o fortalecimento da mídia contemporânea, criou-se uma série de novas possibilidades e formas de influência no que diz respeito ao uso de imagens. Essas novas possibilidades se mostram capazes de gerar transformações nos marcos que ancoram a identidade pessoal de cada sujeito, além de influenciar diretamente na noção de representação, que se vincula ao campo da semiótica como ciência que estuda os signos e a noção de representatividade que toca em questões sensíveis ligadas a luta política de grupos historicamente desfavorecidos. Gerando assim, possibilidades de mudança nas formas como o indivíduo se vê e, conseqüentemente, se mostra para os grupos dos quais faz parte.

Para Jameson (1985), o advento da pós-modernidade revelou a lógica cultural do capitalismo avançado, responsável pela criação de uma nova ordem mundial e econômica designada como sociedade pós-industrial ou de consumo, sociedade de mídia ou do espetáculo. No que tange aos valores que são incentivados nas sociedades contemporâneas, acabam por surgir contínuas transformações produzidas pela mídia com base no apelo estéticos e emotivos de seus consumidores.

O conceito de identidade faz-se importante para compreender a forma como se desenvolvem esses processos, haja visto que o ser humano é constituído por múltiplos processos identitários. Segundo Woodward (2000), a identidade pode ser compreendida por meio das diferenças que um indivíduo percebe entre aquilo que, para ele, o define e o caracteriza e aquilo que não o representa. A partir da marcação simbólica da diferença em relação a um outro grupo ou indivíduo é que ocorre a construção das identidades. Assim, de acordo com a autora, a partir de marcadores simbólicos e sociais que permeiam a sociedade, e que delimitam as diferenças entre indivíduos podem ser construídas fronteiras rígidas que podem culminar em práticas discriminatórias. Também em concordância com o que é destacado por Galinkin e Zauli (2011), em se tratando de identidade, semelhança e diferença fazem parte da mesma composição, o indivíduo se reconhece e se diferencia ao se comparar com o outro.

Assim, considera-se a dimensão relacional dos processos identitários, algo de fundamental importância e que traz à tona o conceito de alteridade, pois, ao pensarmos na etimologia da palavra, alteridade provém de “alter”, que significa outro e como lidamos com esse outro (Galinkin & Zauli, 2011). Nesse sentido, para construção das identidades, é fundamental a relação com a alteridade, uma vez que a percepção do indivíduo acerca de si mesmo se dá quando este compreende que existem outros indivíduos diferentes de si (Galinkin & Zauli, 2011).

Segundo Sabat (2001), por meio de um conjunto de instâncias culturais como: mídia, publicidade e instituições escolares, produzem-se valores e saberes; regulam-se condutas e modos de ser; fabricam-se identidades e representações e delimitam-se alguns papéis na sociedade. Ainda segundo a autora, essas estratégias são desenvolvidas a partir de um “currículo cultural” que é constituído nas relações sociais e que opera constituindo essas mesmas relações. Tal currículo cultural faz parte de uma pedagogia específica, composta por um repertório de significados que, por sua vez, constroem e constituem identidades culturais hegemônicas (Sabat, 2001). Assim, vemos que a cultura vai muito além de um elemento complementar na vida dos indivíduos. A cultura apresenta um papel constitutivo em relação ao psiquismo humano, se tornando assim fundamental considerar a cultura para uma melhor compreensão do psiquismo humano. (Valsiner, 2012).

Com a intenção de implementar determinada ideia, serviço ou produto, é produzida uma pedagogia que define o sujeito como independente e livre para escolher, ao mesmo tempo em que opera com mecanismos de (auto)controle e de (auto)regulação, normatizando as relações sociais e materializando-as através das imagens (Sabat, 2001). Assim, como consequência desses processos, ocorre, entre outras implicações, a definição de determinados padrões estéticos e de beleza que sofrem grande influência dos processos de identificação étnico-racial, que acabam por ser um dos marcadores sociais de significativa relevância em nossa sociedade, pelo fato de vivermos em uma sociedade historicamente marcada pelo racismo e pelas desigualdades sociais. Contribuindo, assim, infelizmente, para a reprodução cotidiana de preconceitos, como, por exemplo, o racismo e o classismo.

Conforme já mencionado, a relação do ser humano com as imagens é uma questão extremamente rica e relevante, uma vez que essas são mecanismos de sentidos sociais construídos, de modo intencional ou não, e apreciados pelo grande público. Nesse sentido, Santaella (2012, 2018) ressalta a importância do processo denominado por ela como

“alfabetização visual”, sobretudo quando se trata do contexto das sociedades imagéticas na contemporaneidade, haja visto que, antes mesmo de aprender a falar, nós aprendemos a olhar. Nessa direção, Berger (1980) destaca a importância do processo de compreendermos o que vemos. A leitura crítica de imagens é importante para aguçar nossa sensibilidade na interpretação de signos visuais que nos levam à construção de narrativas multifacetadas.

Muitas vezes, tais imagens reduzem as questões de gênero e de diversidade étnico-raciais a visões extremamente simplistas, estereotipadas e tipificadas através de rótulos que fortalecem os padrões hegemônicos de beleza. Assim, podemos reconhecer que as imagens publicitárias, produções na área das artes visuais, moda, cinema e televisão reproduzem, muitas vezes, a ordem social vigente. Também podemos observar a reprodução de desigualdades pautadas por "enquadramentos" que acabam por resultar em processos de exclusão em relação a diversos grupos presentes em nossa sociedade.

Cabe mencionar que Santaella (2012) destaca que toda imagem apresenta sentidos subjacentes a ela, relacionados ao contexto social, ao público para qual foi direcionada e quem a produziu. Isto posto, a autora faz questão de ressaltar a importância da leitura e interpretação dos sentidos subjacentes às imagens. Tal importância se mostra ainda mais evidente no contexto das sociedades imagéticas atuais.

Ao nos aprofundarmos na discussão acerca de cultura, nos deparamos com o referencial teórico da Psicologia Cultural. Essa perspectiva teórica integra conhecimentos produzidos nas interfaces entre a psicologia, a filosofia e disciplinas como a semiótica, a antropologia, a história e a sociologia, atribuindo, assim, importância significativa às experiências humanas vivenciadas em contextos culturais estruturados, buscando compreensão especialmente em relação ao papel da cultura no desenvolvimento psicológico das pessoas (Valsiner, 2012).

A cultura pode ser vista como um sistema complexo e dinâmico que envolve a transformação do ambiente em um sistema significativo para os humanos (Valsiner, 2012). Portanto, para a Psicologia Cultural, o psiquismo humano se constitui a partir das complexas interfaces entre a própria constituição biológica do indivíduo e a cultura. Assim, Valsiner (2012) afirma que a Psicologia Cultural adota o modelo bidirecional de transferência cultural. Modelo esse que baseia-se na concepção de que o indivíduo não é produto da cultura, pois tem uma posição ativa na reconstrução cultural. Logo, o sujeito e a cultura estão em contínua co-construção mútua. A cultura é, então, um sistema dinâmico, caracterizada por um processo dialético, o qual é marcado pela tensão entre estabilidade e transformação (Madureira & Branco, 2005, 2012; Valsiner, 2012). Ainda segundo Madureira e Branco (2005, p. 101):

Comprendemos a cultura como um sistema aberto que engloba a produção humana e os processos de significação nos seus mais diversos níveis: instrumentos técnicos e tecnológicos, estruturas arquitetônicas, produções artísticas, científicas, filosóficas (produtos culturais). A emergência da cultura — relacionada ao advento do trabalho social e da linguagem - propiciou ao ser humano a possibilidade de um aprendizado coletivo, que é transmitido através das gerações, mediante um processo dialético entre estabilidade e transformação. A cultura engloba tanto uma dimensão simbólica, mais fluida, presente nos processos culturais de significação do mundo e de si mesma.

Assim sendo, a cultura canaliza o desenvolvimento humano, constitui o sujeito e lhe confere o seu caráter humano (Madureira & Branco, 2005, 2012). Por isso, nota-se que nessa concepção acerca de cultura, o sujeito tem o potencial para desconstruir conceitos tidos como

“verdades absolutas” originários de construções histórico-culturais, em busca da promoção de uma sociedade mais justa e igualitária.

Nesse sentido, é possível destacarmos a relevância da semiótica, proposta por Charles Peirce, a partir da integração entre pressupostos filosóficos e matemáticos (Valsiner, 2012). Os signos são artefatos originados pela mente humana, que promovem uma mediação entre a mente dos indivíduos e o mundo. Ou seja, a relação que se estabelece entre o indivíduo e os objetos no mundo, bem como nas relações do indivíduo com outros indivíduos e consigo mesmo, ocorre por meio da mediação semiótica (Valsiner, 2012). É por meio dos signos que o ser humano dá sentido ao mundo e a si mesmo.

Diante dessas nuances que constituem as experiências humanas, é possível compreendê-lo como um indivíduo social, cultural e histórico, altamente complexo, podendo ser compreendido através de um olhar sistêmico no sentido de uma visão crítica ao associacionismo, considerando que o todo é maior que a soma e dinâmico pela valorização dos aspectos processuais fenômenos psicológicos (Rosa & Valsiner, 2018; Valsiner, 2012).

Segundo Madureira e Branco (2005), os signos fazem com que objetos que estão ausentes no aqui e agora se façam presentes. Em comparação com outros animais, as operações com signos modificam de forma qualitativa o funcionamento psicológico humano e possibilitam o surgimento do pensamento abstrato, do comportamento intencional, das ações conscientemente controladas, voltado para o futuro bem como da consciência de si.

2. **Imagens, Relações de Poder e Significados Culturais Subjacentes**

Para melhor compreender a complexa relação entre os seres humanos, as imagens e a mídia, torna-se relevante analisar o conceito foucaultiano de poder. Foucault (2008) define poder como constelações dispersas de relações desiguais, construídas pelos discursos nos diversos "campos de força sociais". Nessa perspectiva, podemos entender poder como uma ação sobre outras ações e não como uma "entidade" ou "substância", mas sim como relações de força, opressão e resistência. Desse modo, enquanto relações de força, o poder perpassa as diversas instâncias sociais. As pessoas, portanto, estão imersas em relações de poder, historicamente estabelecidas. De forma mais precisa, Foucault (2008) afirma que:

É preciso não tomar o poder como um fenômeno de dominação maciço e homogêneo de um indivíduo sobre os outros, de um grupo sobre os outros, de uma classe sobre as outras; mas ter bem presente que o poder não é algo que se possa dividir entre aqueles que o possuem e o detém exclusivamente e aqueles que não o possuem. O poder deve ser analisado como algo que circula ou melhor, como algo que só funciona em cadeia. Nunca está localizado aqui ou aí, nunca está nas mãos de alguns, nunca é apropriado com uma riqueza ou um bem. O poder funciona e se exerce em rede. Nas suas malhas ou indivíduos não só circulam mas estão sempre em posição de exercer este poder e de sofrer sua ação; nunca são o alvo inerte ou consentido do poder, são sempre centros de transmissão. Em outros termos, o poder não se aplica aos indivíduos, passa por eles (p.193).

Assim, Foucault (2008) trabalha o conceito de poder levando em consideração como os espaços se organizam enquanto sociedade. O autor faz analogia da sociedade com uma

máquina que circunscreve a todos, os que exercem o poder e aqueles sobre os quais o poder se exerce. Mostrando que o poder é exercido por meio desses mecanismos sutis, formando e organizando as relações.

Diante da perspectiva foucaultiana acerca do poder, é possível inferir que imagens podem ir além de uma representação artística, publicitária ou de uma imagem meramente estática (como, por exemplo, uma foto), elas podem expressar diferentes formas de relações de poder historicamente instituídas. Essas imagens podem estar intencionalmente carregadas de discursos subjacentes oriundos de quem as produz. A partir disso, os observadores chegam com perspectivas subjetivas que agregam à leitura dessas imagens outros discursos subjacentes.

Santaella (2012) chama a atenção para o fato de que as imagens podem ter diferentes finalidades e, enquanto representações visuais, se diferenciam de acordo com essas finalidades. Assim, a depender do seu uso e interpretação, as imagens podem, por exemplo, servir de ferramentas, por um lado, para ampliar nossas percepções, nossa sensibilidade e, por outro lado, também servir para retratar ou criar anseios e desejos por padrões de beleza, produtos e outros quesitos usados pela mídia e publicidade enquanto representação visual.

Assim, percebe-se a ideia de imagens enquanto signos, e o entendimento de que “signos são fabricados por mentes e mentes operam por meio de signos” (Valsiner, 2012, p.39). Nessa direção, cabe destacar que os processos semióticos estão na base dos fenômenos culturais e, também, as múltiplas possibilidades de combinações entre diferentes signos (ícones, índices e símbolos) e o hibridismo e complexidade que acompanha os processos de significação, que envolvem a utilização de signos verbais e visuais (Madureira, 2016).

Nota-se, então, que palavras e imagens estão presentes nos processos de socialização dos indivíduos e, enquanto artefatos culturais, elas "podem ser concebidas como instrumentos

psicológicos fornecidos pela cultura coletiva que canalizam o pensar, o sentir e o agir das pessoas no fluxo inexorável do tempo" (Valsiner, 2007 citado por Madureira, 2016, p. 61).

As artes visuais acabam por assumir um papel muito significativo nessa discussão, pois é possível notar a manutenção, frequente, das relações de poder envolvidas nas representações artísticas e, nas produções de significados sobre os padrões de beleza, sobre o que é compreendido como masculino e feminino, gerando assim, efeitos no modo de ver e entender as questões de gênero e sexualidade (Loponte, 2002).

Para exemplificar essa discussão sobre as imagens enquanto artefatos culturais, é importante mencionar as análises críticas desenvolvidas por Berger (1980), em relação a diferentes obras no campo das artes visuais, que retratam olhares predominantemente masculinos sobre as representações presentes nessas obras, caracterizadas, por exemplo, pela objetificação dentro de um contexto hegemônico, mostrando a figura feminina sempre em uma posição de submissão, bem como o reconhecimento ou invisibilidade do trabalho do artista de acordo com a sua identidade de gênero. Assim, é relevante analisar cada imagem como uma voz que pode fortalecer ou enfraquecer significados culturais que visam eternizar relações desiguais baseadas nas relações de poder historicamente instituídas.

É relevante, então, analisarmos como as imagens em produções artísticas e publicitárias influenciaram e influenciam os processos identitários dos indivíduos. Segundo Woodward (2000), uma das formas pelas quais as identidades estabelecem suas reivindicações é por meio do apelo a antecedentes históricos. Sendo assim, podemos estabelecer uma clara relação entre antecedentes históricos e aspectos simbólicos que, por vezes, são os elos de conexão entre o passado e a atualidade.

Os processos de ressignificação do passado podem contribuir com o nosso pensamento crítico em relação ao presente e aos projetos de futuro. Nesse sentido, Berger (1980) explora a relação da arte do passado consumidas em outro tempo e destaca que a

importância da experiência de procurar um significado para nossas vidas através da compreensão da história, pois a partir disso, podemos nos tornar agentes dinâmicos se encontrarmos tais significados. Também no que diz respeito à história, pertencimento e identidade, Woodward (2000) ressalta a forte relação que os processos de formação das identidades têm em relação aos sentimentos de identificação e pertencimento a um determinado grupo, como fica claro quando abordamos questões relativas ao pertencimento étnico-racial.

Nessa direção, Valsiner (1998) apresenta o modelo de transferência cultural bidirecional. O modelo em questão discorre sobre a percepção de instrumentos de mediação semiótica enquanto guias sociais, permitindo uma construção individual de significados e, ao mesmo tempo, oferecendo a possibilidade de modificar bens simbólicos e práticas oriundos da cultura coletiva. Ainda segundo Valsiner (2012), o modelo bidirecional de transferência cultural contempla a concepção de que todos os participantes da cultura coletiva têm um papel ativo na transformação das mensagens culturais.

Segundo (Madureira & Branco, 2012; Valsiner, 2012), dentro da psicologia cultural, o sujeito tem participação ativa na construção dessa da cultura, produzindo modificações e, ao mesmo tempo, colhendo os frutos das modificações produzidas. Esses processos não ocorrem apenas de forma individual, pois são produtos das vivências entre diferentes grupos sociais, em termos de gênero, orientação sexual e pertencimento étnico-racial (Hall, 2011).

Nessa direção, é importante destacar a discussão desenvolvida por Gomes (2002) ao afirmar que a experiência corporal é sempre modificada pela cultura, segundo padrões culturalmente estabelecidos e relacionados à busca de afirmação de uma identidade grupal específica. Ou seja, inexistente experiência corporal sem interferências dos padrões culturais aos quais tais corpos estão expostos. Tal discussão remete a uma construção coletiva permeada

também por relações de poder que, por sua vez, podem levar o sujeito na busca por um grupo ao qual este deseja pertencer.

Assim, Le Breton (2007) considera a busca por algumas mudanças corporais e na aparência como parte integrante dos processos de socialização do corpo. Admitindo assim, que, as características corporais dos indivíduos são socialmente construídas e modificadas, com o objetivo de comunicar, expressar e inserir-se em determinado grupo social.

3. Recursos Visuais e suas Influências nas Construções Étnico-Raciais

Se as imagens constituem, de fato, uma força significativa para proliferação de estereótipos que reforçam as relações de poder historicamente estabelecidas, é possível estabelecer conexões entre essa força e a influência dos signos na cultura pessoal dos indivíduos. Nesse sentido, Valsiner (2012, p. 12) afirma que: “a cultura pessoal está em interdependência com o domínio dos processos comunicativos interpessoais mediados por signos - não sendo porém, determinada por eles”.

Os meios de comunicação de massa participam da fabricação, difusão e reprodução de informações no cotidiano. Todo esse processo acaba por ter papel de suma importância na formação de comportamentos e pensamentos de seus membros (Castells, 1999). No entanto, é muito importante destacar que os indivíduos não têm papel passivo nesse processo.

Interagimos e interpretamos todos esses conteúdos a partir de nossas experiências e conhecimentos pessoais que ocorrem no interior de contextos sociais estruturados. Assim, em meio ao processo de interpretação de tais conteúdos, novos significados são produzidos, a fim de dar sentido às mensagens, que são perpassadas pelos em significados próprios de uma determinada coletividade (Hirschman & Thompson, 2013).

Ainda segundo Hirschman e Thompson (2013), os consumidores dos conteúdos difundidos nas mídias se utilizam de três diferentes estratégias para interpretar as mensagens consumidas, são elas: 1) inspiração e aspiração; 2) desconstrução e rejeição; 3) identificação e individualização. No primeiro caso, as peças apresentadas na mídia são interpretados de forma a refletir o eu ideal que o indivíduo aspira a ser. O ideal é o que ele deseja atingir. É como se fosse um exemplo motivador.

A segunda estratégia consiste em criticar os elementos considerados artificiais, exagerados ou idealizados das representações presentes na mídia. Essa estratégia é utilizada

no intuito de rejeitar e desconstruir seus conteúdos. A terceira estratégia refere-se à identificação. São atribuídos aos conteúdos semelhanças em relação às experiências vivenciais do consumidor. No entanto, essa identificação engloba mais de uma dimensão: a primeira compreende que a imagem representa um valor ou significado desejável e a emulação dessa representação, pois acredita ter esse valor ou significado apreciado.

Já no caso da individualização, percebe-se que está relacionada com o esforço do indivíduo em particularizar, ou seja, trazer para a sua realidade a imagem que interpreta. Em suma, no que diz respeito à identidade, pode ocorrer a marcação simbólica da diferença numa direção oposta a outro grupo discriminado, evidenciando o aspecto de contraste, de oposição, de afirmação de um grupo por sua oposição a outro, mas é importante salientar que nem sempre isso acontece. O termo identidade tem relação com a palavra “idêntico” e a própria noção de alteridade pressupõe a existência de diferenças (Galinkin & Zauli 2011).

A contemporaneidade tem gerado uma profunda discussão sobre as identidades. Essa discussão tem sido marcada pela contradição entre o desejo e a necessidade de se padronizar para pertencer e inserir-se em determinado grupo social e, em paralelo a isso, a necessidade de se destacar, de buscar unicidade retratando o “desejo de ser único, sendo como os outros” (Sawaia, 2014, p. 122).

As diferentes estratégias que os consumidores dos conteúdos das mídias se utilizam para interpretar as mensagens difundidas podem gerar um processo de manutenção e proliferação de estereótipos. Segundo Pérez-Nebra e Jesus (2011), os estereótipos, por serem generalizações superficiais da realidade, acabam por “categorizar e simplificar um mundo social complexo” (p. 224). Podendo esconder assim diferenças importantes entre os indivíduos. O uso de estereótipos é, frequentemente, voltado à demarcação entre “nós” e “eles”. Os estereótipos são crenças que envolvem generalizações apressadas e rígidas, e frequentemente equivocadas em relação a grupos específicos de pessoas (Pérez-Nebra &

Jesus, 2011). Essa questão é muito presente nos estigmas relacionados à cor da pele ou a outras marcas corporais associadas a minorias historicamente discriminadas, como, por exemplo, no caso das pessoas negras.

Segundo Carone e Bento (2014), o motor da discriminação racial seria a manutenção e a conquista de privilégios de um grupo sobre outro, independentemente dessa tentativa de manutenção ser ancorada em práticas discriminatórias ou ser, de fato, intencional. Os autores completam o raciocínio dizendo que a discriminação racial pode ter origem em outros processos sociais que extrapolam o preconceito.

Nessa linha, Gomes (2002) destaca que existe uma comparação dos sinais do corpo negro (como o nariz, a boca, a cor da pele e o tipo de cabelo) com os do branco europeu e colonizador. A autora ainda discute que, no contexto de colonização, essa comparação serviu de argumento para a construção do padrão de beleza vigente nos dias atuais. Assim, é difícil ignorar as influências, diretas e indiretas, de tais padrões nos mais diversos contextos sociais nos quais estamos inseridos.

Ainda sobre essa questão, Said (1990) destaca que o homem europeu e o seu padrão fenotípico ganharam força sendo colocados como um “homem universal” em comparação com os não europeus. Assim, quanto mais distante desses padrões eurocêntricos mais latentes são as relações de poder estabelecidas com base em questões ligadas a fenótipo. O olhar voltado a padrões europeus transformou os não europeus em “diferentes” e, muitas vezes, em um outro ameaçador (Said, 1990).

A transformação de algumas características físicas em aspectos simbolicamente relevantes faz com que alguns traços físicos passem a ser um símbolo tangível de inferiorização do valor humano de determinada minoria. De acordo com Madureira e Branco (2012), o preconceito possui raízes histórico-culturais e afetivas profundas. Constitui-se

como fenômeno de fronteira e se desdobra dessa forma. As autoras ainda destacam as consequências presentes quando tais fronteiras se tornam rígidas:

Quando tais fronteiras se tornam rígidas, não permeáveis, e passam a caracterizar alguns grupos a partir da desqualificação constante e difusa em relação a outros grupos, percebemos o preconceito e ação (discriminação). Quando essas fronteiras rígidas são alvos de transgressão, emergem a violência e a intolerância, subjacentes as práticas discriminatórias, em relação aos supostos transgressores (p.131).

A menção aos sinais fenotípicos visa justificar as desigualdades na distribuição dos recursos econômicos, além de ter função atenuante, que isenta o eventual estigmatizador de culpa (Elias & Scotson, 2000; Goffman, 1988), configurando assim um clássico exemplo de fronteiras que se tornam rígidas.

A discussão teórico-conceitual acerca das identidades torna-se, portanto, útil para a compreensão de como se desenvolvem os processos citados. Para Woodward (2000), a compreensão do que é identidade se dá a partir das diferenças que um indivíduo percebe entre aquilo que, para ele, o define e caracteriza, e aquilo que não o representa. Tal processo envolve, assim, a marcação simbólica da diferença em relação a um outro indivíduo ou grupo a partir de marcadores simbólicos que delimitam as diferenças entre grupos e indivíduos (Woodward, 2000).

Também nessa linha, Madureira e Branco (2012) apresentam uma compreensão relevante sobre como os processos relacionais entre grupos sociais de diferentes tipos podem se tornar violentos, concebendo os processos identitários e os preconceitos como fenômenos de fronteira, de forma mais específica. As autoras destacam a importância de entendermos que processos identitários e preconceitos são fenômenos de fronteira e, metaforicamente,

duas faces de uma mesma moeda. Portanto, para contribuir com a desconstrução do racismo, é importante levarmos em consideração os processos identitários relacionados ao pertencimento étnico-racial pois os processos de discriminação e preconceito estão intimamente vinculados ao sentimento de pertencimento a determinados grupos que ocupam posições de poder desiguais em nossa sociedade.

O cenário atual, sobretudo no ambiente das redes sociais, tem promovido algumas reflexões acerca da tendência eurocêntrica no que diz respeito aos padrões hegemônicos de beleza. Ainda assim, observa-se na população negra a busca por rituais de beleza visando seguir esses padrões em busca da promoção de auto-estima e proteção no que diz respeito a práticas discriminatórias racistas. Nessa direção, hooks (2005) mostra que, sobretudo entre as mulheres negras, existe grande repreensão quando tais padrões não são seguidos. Ainda segundo hooks (2005), as mulheres que não alisam seus cabelos e optam por usá-los de maneira natural, são constantemente taxadas como descuidadas dentro de seu ciclo social e também por seus parceiros. Assim, é possível evidenciar que as construções racistas acabam por atacar aspectos da identidade negra, como, por exemplo, o cabelo e outros marcadores considerados simbólicos ancorados em marcas corporais como o tom de pele, a forma de se vestir, etc.

Se no caso do racismo as marcas corporais são uma dimensão importante, ao investigar questões ligadas ao racismo, devemos contemplar uma discussão teórica acerca das imagens. É nítido que, no caso do racismo, a dimensão da visão assume uma posição muito importante pois as marcas corporais são nítidas trazendo problemáticas específicas.

4. Metodologia

Durante o desenrolar histórico da humanidade, de forma geral, uma característica especificamente humana esteve onipresente: o ato de se questionar, refletir, buscar compreender, apreender e dar sentido à realidade que cerca o ser humano (Minayo, 2015). Nota-se uma série de variações, durante esse longo período histórico, no que diz respeito à forma como o indivíduo, os grupos e as sociedades fizeram isso, seja por meio das religiões, das artes ou da filosofia. Atualmente, o discurso predominante nas sociedades ocidentais é o discurso científico (Minayo, 2015).

Há algumas peculiaridades ao se discutir questões relativas às pesquisas nas ciências humanas, dentre elas, cabe destacar que seu objeto de estudo é da mesma natureza do pesquisador. Assim, a autora destaca que o pesquisador é agente da própria realidade que ele se dispõe a estudar, e isso faz toda a diferença. A tentativa de se objetivar os fenômenos tal como ocorre nas ciências naturais faz-se problemática e, por isso, devem ser consideradas as especificidades do objeto de estudo das ciências humanas. Cabe mencionar que a hipótese de uma atuação neutra por parte do pesquisador inexistente nas ciências humanas e nas ciências naturais (Minayo, 2015). Ainda nessa linha, a autora destaca que os pesquisadores são posicionados historicamente, assim como os participantes. Ou seja, ambos possuem consciência histórica. O pesquisador e o objeto de estudo compartilham a mesma natureza, são seres humanos e somente seres humanos possuem consciência histórica.

Segundo Minayo (2015), a pesquisa qualitativa trata de questões particulares da vida humana, incluindo seus significados e produções nos mais diversos campos sociais. A metodologia qualitativa tem como uma de suas principais características, o esforço para contemplar, da melhor forma possível, a complexidade da realidade que se pretende estudar.

Assim, a pesquisa qualitativa visa produzir análises e interpretações aprofundadas sobre esses fenômenos relativos ao ser humano e suas particularidades (Minayo, 2015).

Ainda segundo Minayo (2015), é importante salientar que a pesquisa qualitativa não prima pela rigidez metodológica, mas busca desenvolver uma compreensão mais aprofundada em relação aos fenômenos estudados, ao admitir que não existe uma realidade a priori que será acessada pelo pensar racional e desinteressado do/a pesquisador/a, reconhecendo-o/a como produtor/a ativo/a de conhecimentos no processo de investigação (Minayo, 2015; Madureira & Branco, 2001).

Nesse sentido, de acordo com Minayo (2015), a abordagem qualitativa adentra-se no universo dos significados, das relações, das representações, dos motivos e atitudes das pessoas, e isso raramente pode ser analisado a partir de indicadores quantitativos. Em síntese, a metodologia qualitativa foi escolhida com o objetivo de investigar, de forma mais aprofundada, os significados atribuídos pelos/as participantes desta pesquisa ao tema investigado: “Padrões Hegemônicos de Beleza, sua Disseminação através do *Instagram* e Consequências para Prática Clínica: Um Recorte Étnico-racial”.

4.1 Participantes

A tabela, a seguir, apresenta informações importantes acerca dos/as seis participantes da presente pesquisa, considerando as características presentes nos critérios delimitados para seleção dos/as mesmos/as, sendo eles: idade, gênero, pertencimento étnico-racial e semestre que cursa no curso de Psicologia.

Tabela 1

Dados sociodemográficos dos/as participantes.

Participante	Idade	Gênero	Se declara negro/ negra	Semestre que cursa
1	22	Mulher	Não	8°
2	25	Mulher	Sim	7°
3	22	Mulher	Não	7°
4	25	Mulher	Não	6°
5	24	Mulher	Sim	4°
6	30	Homem	Sim	9°

4.2 Materiais e instrumentos

Para a realização da pesquisa, foi utilizado o seguinte instrumento: um roteiro de entrevista semiestruturada (Anexo A), de forma integrada à exibição de imagens previamente selecionadas (Anexo B).

No que diz respeito aos materiais, por estarmos atravessando o período de pandemia causado pela COVID-19, foi utilizado um notebook para viabilizar a entrada em uma sala virtual pelo aplicativo *Google Meet*, um gravador de áudio para, a partir da autorização dos participantes, fazer o registro das entrevistas, com o intuito de facilitar posteriores análises a serem realizadas pelo pesquisador. Foi utilizado, também, o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE (Anexo C), que foi enviado para cada participante um pouco antes da realização da entrevista.

4.3 Procedimentos de construção de informações

O presente projeto de pesquisa foi submetido ao Comitê de Ética em Pesquisa do Centro Universitário de Brasília – CEP UniCEUB. Após a aprovação do projeto de pesquisa (Anexo D), em relação aos princípios éticos referentes às pesquisas com seres humanos, foi realizada a pesquisa de campo. Para tanto, foi enviado, para cada participante, o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) um pouco antes da realização da entrevista virtual. Esse termo apresenta todas as informações relevantes e necessárias, em termos éticos, em relação ao estudo que foi realizado. A entrevista foi realizada após o/a participante expressar concordância com os termos presentes no TCLE.

Após a concordância por parte dos participantes em contribuir com a pesquisa, foram realizadas entrevistas individuais semiestruturadas (Anexo A) em uma sala virtual por meio do aplicativo *Google Meet* devido ao estado de pandemia mundial de COVID-19. Portanto, em termos éticos, visando a preservação da saúde e bem-estar dos/as participantes e do pesquisador, todas as entrevistas foram realizadas virtualmente.

As entrevistas foram baseadas em um roteiro com perguntas previamente formuladas pelo pesquisador. Não houve limite de tempo para a realização de cada entrevista. As entrevistas foram registradas em um gravador de áudio (celular do pesquisador), de acordo com a autorização prévia de cada participante. No final da entrevista, houve a apresentação de imagens previamente selecionadas (Anexo B) pelo pesquisador. Essas imagens apresentam relação, direta ou indireta, com o tema de investigação, com o objetivo de se constituir enquanto ferramenta metodológica de pesquisa. Imagens se configuram como ferramentas metodológicas férteis e pertinentes, principalmente quando focalizamos temas delicados nas pesquisas (Madureira, 2016), como é o caso da presente pesquisa.

Foram abordadas, nas entrevistas realizadas, questões envolvendo preconceito, discriminação, processos de exclusão, e as imagens apresentadas auxiliaram no

enriquecimento dos discursos dos/as participantes e também na abordagem dos não-ditos, colaborando, portanto, com o desenvolvimento de análises mais aprofundadas sobre os temas mencionados.

4.4 Procedimentos de análise

Para os procedimentos de análise das informações construídas a partir das entrevistas virtuais que foram realizadas, foi utilizado o método de análise de conteúdo em sua vertente temática. De acordo com Gomes (2015), esse é um método utilizado na análise da comunicação, busca a sistematização de indicadores obtidos a partir da comunicação. O autor também destaca que por meio da análise de conteúdo, é possível ter acesso ao que está por trás dos conteúdos manifestos, indo além do que está sendo comunicado. Dentre os procedimentos de análise de conteúdo utilizados a partir da perspectiva qualitativa, podemos destacar a construção de categorias analíticas. Ainda segundo Gomes (2015), o procedimento de categorização é uma tentativa de caminhar na objetivação durante a análise, orientando o trabalho interpretativo do pesquisador.

Após a realização das transcrições literais de cada uma das entrevistas, foi feita a leitura criteriosa das informações, visando a identificação dos trechos mais significativos, considerando os objetivos da pesquisa, possibilitando, assim, a construção das categorias analíticas temáticas, que tem como objetivo, analisar conjunto de informações, organizar formas de classificação e identificar núcleos de sentido. Foram criadas três categorias analíticas temáticas, sendo elas: 1) Os padrões de beleza em discussão: diferentes olhares a partir do pertencimento étnico-racial dos/as participantes; 2) Aparência corporal, redes sociais e saúde mental; e 3) Padrões hegemônicos de beleza e a difusão de diferentes tipos de preconceito no cotidiano.

5. Resultados e Discussão

Após a realização das seis entrevistas individuais semiestruturadas, foi possível construir informações significativas sobre os impactos subjetivos produzidos pelos padrões hegemônicos de beleza nas construções identitárias, psicológicas e na auto-percepção de pessoas negras e não negras a partir das crenças dos/as estudantes de psicologia que participaram da pesquisa. Além disso, foi possível compreender como as questões referentes ao uso de redes sociais e saúde mental vem sendo abordadas na formação em psicologia e entender como as questões étnico-raciais permeiam toda essa discussão, a partir da perspectiva dos/as participantes.

Na presente seção, os resultados mais significativos são apresentados e discutidos tendo como base as quatro categorias analíticas temáticas construídas, mencionadas anteriormente.

5.1 Os padrões de beleza em discussão: diferentes olhares a partir do pertencimento étnico-racial dos participantes

Conforme explorado anteriormente, vivemos em uma sociedade espetacularizada e que hipervaloriza a imagem e seus significados subjacentes, sobretudo quando estes se referem a questões relativas à corporeidade. Nesse contexto, percebe-se claramente que existe uma maior valorização de algumas características em detrimento de outras, formando assim o que chamamos de padrão de beleza (Novaes, 2013).

Segundo Almeida (2019), não se pode compreender uma sociedade sem os conceitos de raça e racismo. Em uma conceituação que contempla tanto o conceito de padrão de beleza quanto a presença do racismo em nossa sociedade, Sibilía (2010) afirma que os padrões de beleza estabelecidos são baseados em concepções criadas a partir de um padrão puramente

eurocêntrico, acompanhado de seus fenótipos associados à branquitude, tendo como uma de suas principais marcas o racismo. Em conformidade com tais conceitos, a fala da participante 2 ilustra bem tal realidade:

(...) eu sinto que há muitos anos tem esse padrão de beleza, que é um corpo magro, um corpo branco, pessoa de olhos claros e isso com o Instagram ganhou uma força absurda, que é reproduzido o tempo inteiro. Por mais que agora a gente [se referindo aos negros] tenha um espaço em comum para pensar sobre isso e discutir, ainda tem esse padrão.

Essa declaração ilustra a discussão desenvolvida por Sabat (2001) quando a autora afirma que com a utilização de estratégias de exibição de peças de forma estereotipada visando atingir consumidoras/es, a publicidade está trabalhando a partir de um currículo cultural que é constituído nas relações sociais e que opera como constituidor dessas mesmas relações. Esse currículo cultural faz parte de uma pedagogia específica, composta por um repertório de significados que, por sua vez, constroem e constituem identidades culturais hegemônicas. Também em conformidade com a fala da participante, Novaes (2013) afirma que foi criado um corpo dito ideal e que esse é visto como um objeto de consumo.

Também nessa direção chama a atenção as falas do participante 6 quando questionado sobre o que significa o termo “beleza negra” para ele. De acordo com o participante 6:

Puro preconceito! Cresci ouvindo coisas como “você é um negro bonito” como se fosse uma exceção a regra. Acho um termo extremamente excludente, até porque não vejo ninguém falando em beleza branca pra se referir a pessoas brancas, vejo apenas o uso do termo beleza sem essa caracterização.

Sobre o termo “beleza branca”, o participante 6 também diz sentir a presença de racismo:

Algo inexistente! Como eu falei agora pouco, nunca vi esse termo sendo usado e quando vejo é de maneira super teórica em discussões que ao meu ver só tem como objetivo negar a existência de racismo nessa área da estética. Comparo com o tal do racismo reverso, não existe, mas virou argumento.

É interessante ressaltar que tanto o participante 2 como o participante 6 se declararam negros. A partir dessa informação, podemos entender melhor a discussão desenvolvida por Almeida (2019), ao definir o racismo como algo que consiste em discriminações, diretas ou indiretas, sistematicamente realizadas contra negros/as.

Outro aspecto que chama atenção nas entrevistas realizadas é o fato de dois entre os três participantes que não se declararam negros não terem mencionado em nenhum momento a presença de um padrão de beleza associado à branquitude ou de características eurocêntricas. Admitindo que em pesquisas qualitativas os “não ditos” tem importância central, considera-se isso um indicativo interessante para a discussão acerca do racismo institucional. Nessa direção, Almeida (2019) define o racismo institucional como um discurso que envolve uma série de “não ditos”. No racismo institucional, a discriminação indireta tem uma importância central e colabora com o processo de invisibilização das práticas discriminatórias. Também nessa direção, Carone e Bento (2014) afirmam não ser por acaso a ausência de referências ao problema do “outro”, no caso, o negro. Esse daltonismo e cegueira caracterizam como funcionam grande parte dos nossos cientistas e estudiosos que conseguem

investigar, problematizar e teorizar as mais diversas questões referentes aos indivíduos da nossa sociedade de maneira completamente alienada.

Importante ressaltar que se deve levar em consideração outras intersecções. Ribeiro (2019) desenvolve raciocínio entre tais intersecções e branquitude ao explicar por que mulheres brancas são discriminadas por serem mulheres, mas estruturalmente privilegiadas por serem brancas. O mesmo ocorrendo com homossexuais brancos que são discriminados pela orientação sexual mas, no que diz respeito ao pertencimento étnico-racial, fazem parte de um grupo hegemônico.

Enquanto pesquisador negro, é interessante relatar a percepção que tive durante as entrevistas, frente à pergunta “o que o termo "Beleza Negra" representa para você?” Percebi por meio, das reações dos/as entrevistados/as, um certo incômodo em responder tal questão. Todos/as os/as participantes pareciam escolher bem as palavras com medo de que o que fosse dito pudesse, de alguma forma, soar como discriminação.

Um fato muito curioso é que isso também foi notado nas entrevistas realizadas com participantes que se declararam negros. Nesse sentido, Almeida (2019) discute que pessoas negras podem reproduzir em seus comportamentos individuais o racismo de que são vítimas. Submetidos às pressões de uma estrutura social racista, o mais comum é que as pessoas negras internalizem a atitude racista que fomenta a crença em uma sociedade dividida entre negros e brancos, em que os brancos mandam e os negros obedecem. Somente por meio de reflexões críticas sobre a sociedade e sua própria condição podem fazer com que o indivíduo negro possa enxergar a si próprio e ao mundo que o circunda para além do imaginário racista.

5.2 Aparência corporal, redes sociais e saúde mental

As redes sociais nos proporcionaram inúmeras mudanças na maneira como nos comunicamos e relacionamos nos, oferecendo muitas formas de sociabilização. Assim, profundas mudanças no que entendemos como senso de pertencimento têm ocorrido, pois estamos diante de um ambiente capaz de propiciar diferentes tipos de exposição de nossas identidades, segundo o que nos é muitas vezes conveniente. A partir da exposição de imagens, tornou-se mais acessível a “construção”, ainda que virtual, de um ideal de eu.

Nessa direção, Hall (2011) afirma: “todas as identidades estão localizadas no tempo e no espaço simbólico” (p. 71). Assim, todo esse contexto pode influenciar na solidificação dos padrões de beleza já discutidos na presente Monografia e, conseqüentemente, influenciar na saúde mental dos que consomem os conteúdos das redes sociais e buscam atingir tais padrões estéticos como se eles fossem alcançáveis (Novaes, 20013).

Durante as entrevistas, ficou evidente que essa busca já influenciou diretamente na saúde mental dos participantes da pesquisa. Um exemplo disso pode ser visto no trecho a seguir da entrevista realizada com a participante 4:

Tem uma menina em Brasília que ela é uma digital influencer de corpo e vida fitness. Ela era uma menina gorda, não tão gorda, mas gordinha. Ela teve bulimia e emagreceu. Nisso, ela era uma blogueira que falava de saúde, mas vendia magreza, porque ela fala em como emagrecer, inimigos do emagrecimento. Ela está se formando em nutrição e eu entendo que o conteúdo dela pode agradar outras pessoas, mas ela postou um vídeo um dia que, para mim, foi super infeliz, me causou vários gatilhos de ansiedade. Eu fiquei uns três dias mal, chorei no primeiro dia, no segundo e terceiro nem tanto. Mas eu estava abatida com tudo isso que aconteceu. Ela postou um vídeo falando "vocês acham que meu corpo é perfeito, né!? Olha só,

eu também tenho gordurinhas". E eu, como uma mulher gorda, entendo que ela está falando o seguinte: Gorduras são imperfeitas, então eu sou pura imperfeição.

A fala da participante é um profundo indicativo de que é necessário um debate aprofundado acerca de como as interações sociais podem influenciar no desenvolvimento psicológico dos indivíduos. Ao concluir que é “pura imperfeição” por ter gorduras em seu corpo, a participante evidencia os impactos de uma interação preconceituosa em sua subjetividade. Esse fato gera alguns questionamentos: como conviver com o sentimento de ser pura imperfeição frente às diversas demandas inerentes ao convívio social? Que efeito isso tem nas interações sociais dessa participante e de tantos outros que enfrentam tais dificuldades? Quantas decisões tomadas a partir dessa auto-percepção? Que implicações no âmbito da saúde mental podem ser geradas por causa desse quadro?

Experiências como essa são exemplos clássicos de como a aparência corporal pode ter ligação direta com a saúde mental. Para Mosquera e Strobaus (2006), o conceito de autoimagem nasce de uma interação direta entre o contexto social onde essa pessoa está inserida e a relação consigo mesma e com os outros. Dessa interação, ainda que virtual, surgiram sintomas de ansiedade, sentimento de imperfeição. Posteriormente, foi possível perceber na fala da mesma participante, o alcance incalculável que tais episódios podem atingir:

(...) aceitar o corpo como ele, é uma coisa difícil, até para as pessoas que são muito próximas do padrão. Mas, no momento que você vende uma coisa, ela vende magreza, ela ensina como as pessoas devem emagrecer de uma forma saudável. Mas, isso para mim é uma máscara. Ela fez esse post que, para mim, foi super infeliz e ofensivo. E não só ofensivo pra mim, mas para outras mulheres gordas. E essas

outras mulheres gordas foram se manifestar nas suas redes sociais, sem citar o nome dela, falando como elas achavam um absurdo aquilo. Essa menina foi no Instagram dessas meninas gordas, tirou print e postou na sua rede social. Nisso, os seguidores dela foram nos Instagrans das mulheres gordas, xingaram, falaram que elas eram feias, gordas, para elas emagrecerem, que elas eram mal comidas. Falam para elas se suicidarem que isso seria melhor para o mundo. Elas receberam ameaças. Foi pesado. E muitas dessas meninas eu conhecia pessoalmente. São meninas que tem problemas com aceitação corporal, meninas com depressão e que ficaram muito mal. Eu fiquei mal, as meninas ficaram muito pior.

Nesse trecho, além de declarações que mostram o alcance negativo e nocivo a saúde que uma postagem pode ter, percebemos questões relevantes referentes a discursos de ódio em relação ao corpo feminino. Enquanto pesquisador, me chama a atenção a total ausência de empatia expressa nesse tipo de interação virtual, empatia que deve ser uma das principais características de um psicólogo clínico. Por isso, tendo isso como objetivo, a fala se torna ainda mais significativa. É perceptível que a distancia física não é um indicador suficiente para que atos de violência simbólica não aconteçam. Também vale destacar que as consequências desse evento são de extrema importância para a prática clínica, uma vez que episódios de linchamento virtual têm se mostrado cada vez mais usuais em nosso cotidiano e, paralelamente a isso, caminham os transtornos que surgem a partir de tais episódios, como por exemplo, os casos citados de pessoas com diagnóstico de depressão e que tiveram comprometimento no quadro após esse evento.

A partir desse relato também chama a atenção o fato que as declarações deixam claro que a blogueira em questão era gorda e, após emagrecer, se torna praticante de gordofobia ao invés de lutar contra esse tipo de prática discriminatória. Em termos psicológicos, é como se

a pessoa desenvolvesse um tipo de aversão a algo de sua condição e, após superar tal condição começa a lutar contra semelhantes. Guardadas as devidas proporções e diferenças, essa situação faz menção a época do Brasil colonial onde os capatazes negros agiam com violência contra seus semelhantes. Nesse sentido, Butler (1997) afirma que:

A linguagem opressora do discurso de ódio não é mera representação de uma ideia odiosa; ela é em si mesma uma conduta violenta, que visa submeter o outro, desconstruindo sua própria condição de sujeito, arrancando-o do seu contexto e colocando-o em outro onde paira a ameaça de uma violência real a ser cometida – uma verdadeira ameaça, por certo (p. 65).

Isso evidencia que as questões de aparência corporal estão associadas diretamente ao sexismo, à hipersexualização do corpo feminino. Nessa direção, Novaes (2013) critica a necessidade imposta as mulheres de terem um corpo belo e apresentável. Nesse sentido, também é interessante trazer o relato da participante 5 ao ser questionada sobre quais aspectos são levados em consideração para fazer uma postagem de fotos no *Instagram*:

Meu cabelo tem que estar bonito, minha pele tem que estar bonita, a luz tem que estar boa, mas não posto foto de biquíni, eu fico meio assim, sei lá. Eu me preocupo em como os outros vão me ver e como eu vou me ver mesmo.

A fala supracitada corrobora com a discussão proposta por Le Breton (2007) quando afirma que a busca por aprovação pode fazer com que o sujeito deixe de lado a aprovação individual para buscar um padrão corporal que satisfaça outra pessoa, no caso da rede social *Instagram*, os seguidores e usuários que frequentam a rede.

Outro relato impressionante sobre a opressão gerada pela busca de uma aparência corporal considerada “adequada” vem da participante 5 ao falar sobre sua adolescência quando questionada se já havia se sentido excluída pelo padrão de beleza vigente nas redes sociais: *“pensei mil vezes em fazer rinoplastia, dormia com um prendedor no nariz tentando afinar meu nariz. Nossa! Várias coisas. Se eu pudesse resumir em uma palavra, seria frustrada”*.

O exemplo supracitado deixa evidente o grande poder de influência que as redes sociais exercem sobre seus usuários na contemporaneidade. Confiança e credibilidade são depositados nessas personalidades que ditam tendências, fazendo com que seus seguidores sejam capazes de tomar atitudes inimagináveis para serem parecidos com tais personalidades (Silva & Tessarolo, 2016). Além disso, esse exemplo também evidencia a não aceitação de suas próprias características fenotípicas por parte de uma participante que se declara negra. Ao mencionar o desejo de “afinar o nariz” fica clara a referência a uma representação estética que remete às pessoas brancas, segundo Gomes (2002). Essa comparação dos sinais do corpo negro com os do corpo branco é um claro indicativo da formulação de um padrão de beleza presente na contemporaneidade.

A fala da participante também deixa evidente as contribuições significativas que a psicologia, e em especial a área clínica, podem oferecer a esse e a outros casos. Segundo Dutra (2004), o diferencial da escuta clínica se dá na qualidade da escuta que é oferecida a alguém que apresenta uma demanda. O autor também destaca que a prática clínica tem lugar sempre que o sofrimento do sujeito cria uma demanda. Portanto, o que caracteriza a prática clínica não pode reduzir-se nem ao lugar, nem ao consultório, nem ao número de sujeitos, nem a classe social, nem a técnica utilizada ou ao diagnóstico.

5.3 Padrões hegemônicos de beleza e a difusão de diferentes tipos de preconceito no cotidiano

No que se refere à presença de padrões hegemônicos de beleza e a difusão de diferentes tipos de preconceito no cotidiano, foi possível observar diversas falas em que alguns tipos de preconceitos foram evidenciados pelos participantes. Chama a atenção a declaração da participante 2 quando, diante da exibição da imagem 1, ela aponta quem não gostaria de ser mostrando um rapaz branco. Nas palavras da participante 2:

Eu acho que o de camisa branca (...) A maioria das pessoas que eu conheci que se parecem com essa pessoa da imagem, geralmente são pessoas muito preconceituosas. Tem muito privilégios, parece ser rico, essas pessoas usam isso para desfavorecer o outro, para excluir o outro. Certamente, isso eu não gostaria de ser e ele me remete isso.

A participante 2 é uma das que se declara negra e ao escolher quem não gostaria de ser, escolhe um rapaz branco e justifica tal escolha evidenciando várias características de estereótipos frequentemente associados a branquitude hegemônica. A partir daí, é possível perceber a importância da representatividade para pessoas negras. Nessa direção, Almeida (2019) defende que a representatividade é uma importante ferramenta não só na luta contra o racismo, mas também contra outras práticas discriminatórias. Percebe-se também na fala da participante, ainda que implicitamente, a questão do classicismo e da opressão que práticas discriminatórias pautadas em condições sociais exercem nos menos favorecidos.

Ainda na direção de mostrar a importância da representatividade, Almeida (2019) destaca que um dos efeitos importantes da representatividade é o de tirar minorias do lugar de subalternidade, servindo assim para que, por exemplo, mulheres negras questionem o lugar

social que o imaginário racista lhes reserva, além da não identificação por uma questão racial e todos os privilégios associados a branquitude implícitos nisso. Também nessa direção, Ribeiro (2019) problematiza acerca da invisibilização do povo negro no que diz respeito a construção da sociedade na qual vivemos, a autora afirma que:

O privilégio social resulta no privilégio epistêmico, que deve ser confrontado para que a história não seja contada apenas pelo ponto de vista do poder. É danoso que, numa sociedade, as pessoas não conheçam a história dos povos que a construíram (p.31).

Outros preconceitos que ficaram evidentes foram os fenômenos da LGBTfobia e transfobia ilustrado com clareza na fala da participante 4 quando se refere a uma de suas referências na rede social *Instagram*: “(...) *ela sofre LGBTfobia, transfobia. Então, isso seria um outro movimento e por causa disso essa minha inspiração feminista acabou tendo que fugir do Brasil, porque ela sofreu ameaça de morte*”.

No trecho em questão, percebemos outra ramificação causada pelos padrões hegemônicos de beleza e a questão dos estereótipos culminando em um caso de LGBTfobia seguido de ameaças de morte. De acordo com Madureira & Branco (2012), os preconceitos não são “invenções individuais” e devemos analisar de forma crítica a forma como, ao longo da história, foram sendo construídas categorias para delimitar fronteiras simbólicas e traçar níveis hierárquicos entre grupos sociais. Também nesse sentido, Pérez-Nebra & Jesus (2011) afirmam que o preconceito não é expressado apenas por práticas cotidianas das diversas comunidades, mas fundamentalmente, pela estrutura social que exclui as populações sócio-historicamente discriminadas tratando de maneira desigual grupos, indivíduos e classes.

Considerações Finais

A sociedade contemporânea vive sob efeito de uma revolução tecnológica pautada principalmente nos sistemas de comunicação e informação. Um dos pontos centrais desse avanço é o ritmo acelerado com que acontecem as mudanças nas estruturas sociais, nas formas de relacionamento e de comunicação. Trata-se, portanto, de um novo cenário no qual tais ferramentas tecnológicas produzem ressignificação nos papéis de sociabilidade de modo que nos dias de hoje, “a tecnologia é a sociedade, e a sociedade não pode ser entendida ou representada sem ferramentas tecnológicas” (Castells, 1999, p. 43).

Dessa forma, todo esse contexto possibilita que o sujeito se conecte a uma série de novas identidades e tenha uma maior flexibilidade no que diz respeito aos marcos identificatórios, recriando-se e se apresentando da maneira que deseja ser visto, o que evidencia o fato de que, “nossas sociedades estão cada vez mais estruturadas em uma oposição bipolar entre a Rede e o Ser” (Castells, 1999, p. 41).

Assim, diante do advento das redes sociais, em especial, o *Instagram*, também tem proporcionado transformações em nossas formas de se relacionar e, nos apresentado e exposto a novas dinâmicas de relacionamento, discussões e formas de encarar temáticas extremamente relevantes.

Dessa maneira, o objetivo da presente pesquisa foi analisar os impactos subjetivos produzidos pelos padrões hegemônicos de beleza nas construções identitárias, psicológicas e na auto-percepção de pessoas negras, a partir da análise da rede social *Instagram* na percepção dos participantes da pesquisa e suas implicações no contexto clínico. O recorte étnico-racial se justifica pela profunda relevância do tema e para que, através da produção acadêmica, possamos expandir a discussão contribuindo assim para o rompimento da cisão criada em uma sociedade tão desigual. Logo, abordar tais temas no contexto acadêmico

representa também o pensar de um novo modelo não só para a sociedade, mas também para a educação. Além disso, tal recorte se justifica também por uma questão de vivência pessoal e por acreditar que, em um mundo onde as discussões acerca do racismo estão mais afloradas do que nunca, é necessário expandir a temática para o universo das redes sociais, que hoje é tão presente em nosso cotidiano. Além disso, discutir a saúde mental das pessoas negras frente a esse tema é, além de tudo, uma forma de contribuir para a emancipação do povo preto nos mais diversos contextos.

A partir dos relatos dos/as participantes, foi possível constatar que estereótipos, aparência corporal, padrões hegemônicos de beleza, preconceitos e sofrimento psíquico estão extremamente interligados e infelizmente atingem grande parte da nossa população. O não enquadramento nesses padrões tem produzido muito sofrimento para toda a sociedade e, considerando o foco de análise da presente monografia, cabe destacar o sofrimento do povo preto que, encontra nas redes sociais e nos padrões hegemônicos de beleza, lugares para não pertencer, lugares que não lhe são de direito.

Nessa direção, Almeida (2019) afirma que:

A inserção dos indivíduos em cada uma destas condições formatadas pela sociabilidade capitalista depende de um complexo jogo que mescla uso da força e a reprodução da ideologia (...).O racismo é um elemento deste jogo: será por isso que parte da sociedade não verá qualquer anormalidade na maiorias das pessoas negras ganharem salários menores, submeterem-se aos trabalhos mais degradantes, não estarem nas universidades importantes não ocuparem cargos de direção, residirem nas áreas periféricas e serem frequentemente assassinadas pela força do Estado (p.111).

Esse trabalho também buscou suscitar questões relacionadas a quais às implicações do impacto produzido pelos padrões hegemônicos de beleza sobretudo no contexto da população negra na psicologia clínica. Além disso, busquei compreender quais as percepções acerca desse tema por parte dos estudantes de psicologia.

Contudo, ao analisar as diferentes concepções dos estudantes de psicologia, percebe-se que, apesar de todos terem ciência da difusão de padrões hegemônicos de beleza por meio da rede social *Instagram* e as implicações disso para a saúde mental dos indivíduos, existe uma grande falta de sensibilidade no que diz respeito a relação desse tema com o recorte étnico-racial proposto por esse trabalho. Percebe-se também que esses temas têm sido pouquíssimo discutidos ao longo da trajetória acadêmica desses estudantes, fato esse que, ao meu ver, inspira muitas preocupações.

Por isso, a fim de sugerir novas diretrizes para a prática da psicologia clínica, penso ser fundamental percebermos que a atuação do psicólogo não se limita a clínica clássica. Em se tratando de temas como os aqui discutidos que atingem diversos âmbitos da vida das pessoas, devemos ter clareza que somos agentes promotores de saúde, ainda que com a possibilidade de abordagens psicoterápicas e enfoques diversos.

É de grande importância que sejam feitas novas pesquisas que, fomentem o diálogo entre a psicologia clínica e o repensar de crenças disfuncionais e práticas discriminatórias para que possamos caminhar na direção da dissolução de determinados privilégios, historicamente estabelecidos, usando todo potencial que a psicologia tem enquanto ciência e campo de atuação profissional.

Referências Bibliográficas

- Almeida, S. (2019). *Racismo estrutural*. São Paulo: Pólen.
- Berger, J. (1980). *Modos de ver*. São Paulo: Martins Fontes.
- Butler, J. (1997). *Excitable Speech: A Politics of the Performative*. New York: Routledge.
- Caltells, M. (1999). *A sociedade em rede*. São Paulo: Paz e Terra.
- Carone, I. & Bento, M. A. S. (2014). *Psicologia social do racismo: Estudos sobre branquitude e branqueamento no Brasil*. Petrópolis: Vozes.
- Conselho Federal de Psicologia (2014). Código de Ética Profissional do Psicólogo. Brasília: CFP. Retirado de <https://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/2012/07/Código-de-Ética.pdf>
- Debord, G. (2013). *A sociedade do espetáculo: comentários sobre a sociedade do espetáculo*. Rio de Janeiro: Contraponto.
- Dutra, E. (2004). Considerações sobre as significações da psicologia clínica na contemporaneidade. *Estudos de Psicologia (Natal)*, 9 (2), 381-387.
- Elias, N. & Scotson, J. (2000). *Os estabelecidos e os outsiders: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade*. Rio de Janeiro: Zahar Editora.
- Foucault, M. (2008). *Microfísica do poder*. São Paulo: Paz & Terra.
- Galinkin, A. L. & Zauli, A. (2011). Identidade social e alteridade. Em C. V. Torres & E. R. Neiva (Orgs.), *Psicologia Social: principais temas e vertentes* (pp. 253-261). Porto Alegre: Artmed.
- Goffman, E. (1988). *Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada*. Rio de Janeiro: Guanabara.
- Gomes, N. L. (2002). Trajetórias escolares, corpo negro e cabelo crespo: reprodução

- de estereótipos ou ressignificação cultural?. *Revista Brasileira de Educação*, (21), 40-51.
- Hall, S. (2011). *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A editora.
- Hirschman, E. C. & Thompson, C. J. (2013). Why Media Matter: Toward a Richer Understanding of Consumers' Relationships with Advertising and Mass Media. *Journal of Advertising*, 26 (1), 43-60.
- Hooks, B. (2005). *Alisando nossos cabelos*. Retirado de <https://www.geledes.org.br/alisando-o-nosso-cabelo-por-bell-hooks/>
- Iannelli, A. M. & Novaes, J. V. (2015). A dimensão simbólica do corpo e o fenômeno social da corpolatria. *Desafios - Revista Interdisciplinar da Universidade Federal do Tocantins*, 2 (1), 176-189.
- Jameson, F. (1985). Em defesa de Georg Lukács. Em I. M. Simon, I. Xavier & F. Oliboni (Orgs.), *Marxismo e forma: Teorias dialéticas da Literatura no século XX* (pp. 127-161). São Paulo: Hucitec.
- Le Breton, D. (2007). *A sociologia do corpo*. Petrópolis: Vozes.
- Loponte, L. G. (2002). Sexualidades, artes visuais e poder: pedagogias visuais do feminino. *Estudos Feministas*, 10 (2), 283-300.
- Madureira, A. F. A. & Branco, A. U. (2001). A pesquisa qualitativa em psicologia do desenvolvimento: questões epistemológicas e implicações metodológicas. *Temas em Psicologia*, 9 (1), 63-75.
- Madureira, A. F. A. & Branco, A. U. (2005). Construindo com o outro: uma perspectiva sociocultural construtivista do desenvolvimento humano. Em M. A. Dessen & A. L. Costa Júnior (Orgs.), *A ciência do desenvolvimento humano: tendências atuais e perspectivas futuras* (pp. 90-109). Porto Alegre: Artes Médicas.
- Madureira, A. F. A. & Branco, A. U. (2012). As raízes histórico-culturais e afetivas do

- preconceito e a construção de uma cultura democrática na escola. Em A. U. Branco & M. C. S. L. Oliveira (Orgs.), *Diversidade e cultura da paz na escola: contribuições da perspectiva sociocultural* (pp. 125-155). Porto Alegre: Mediação.
- Madureira, A. F. A. (2016). Diálogos entre a Psicologia e as Artes Visuais: as Imagens enquanto Artefatos Culturais. Em J. L. Freitas & E. P. Flores (Orgs.), *Arte e Psicologia: Fundamentos e Práticas* (pp. 57-82). Curitiba: Juruá.
- Meneses, M. P. R. & Sarriera, J. C. (2005). Redes sociais na investigação psicossocial. *Aletheia*, (21), 53-67.
- Minayo, M. C. S. (2015). *Pesquisa Social: Teoria, método e criatividade* (pp. 79-108). Petrópolis: Vozes.
- Mosquera, J. J. M. & Stobaus C. D. (2006). Auto-imagem, auto-estima e auto-realização: Qualidade de vida na universidade. *Psicologia, Saúde e Doenças*, 7 (1), 83-88.
- Myers, D. G. (2014). Preconceito: desgostar dos outros. Em D. Bueno, M. C. Monteiro & R. C. Costa (Orgs.), *Psicologia Social* (pp. 246-279). Porto Alegre: AMGH.
- Novaes, J. V. (2013). *O intolerável peso da feiúra: sobre as mulheres e seus corpos*. Rio de Janeiro: PUC-Rio e Garamond.
- Pérez-Nebra, A. R. & Jesus, J. G. (2011). Preconceito, estereótipo e discriminação. Em C. V. Torres & E. R. Neiva (Orgs.), *Psicologia social: principais temas e vertentes* (pp. 219-237). Porto Alegre: ArtMed.
- Ribeiro, D. (2019). *Pequeno manual antirracista*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Rosa, A. & Valsiner, J. (2018). The Human Psyche Lives in Semiospheres. Em A. Rosa & J. Valsiner (Orgs.), *The Cambridge Handbook of Sociocultural Psychology* (pp. 13-34). Cambridge: Cambridge University Press.
- Sabat, R. (2001). Pedagogia cultural, gênero e sexualidade. *Estudos Feministas*, 9 (1), 9-21.
- Said, E. W. (1990). *Orientalismo: o Oriente como invenção do Ocidente*. São Paulo:

Companhia das Letras.

Santaella, L. (2002). *Semiótica aplicada*. São Paulo: Pioneira Thomson.

Santaella, L. (2012). *Leitura de imagens*. São Paulo: Melhoramentos.

Santaella, L. (2018). Arte, ciência e educação: diálogos possíveis (entrevista). *Em Aberto*, 31 (103), 207-214.

Sawaia, B. B. (2014). Transformação social: um objeto pertinente à psicologia social?.

Psicologia & Sociedade, 26 (spe2), 4-17.

Sibilia, P. (2010). Em busca da felicidade lipoaspirada: agruras da imperfeição carnal sob a moral da boa forma. Em J. F. Filho (Org.), *Ser feliz hoje: Reflexões sobre o imperativo da felicidade* (pp. 195-212). Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas.

Silva, C. R. M. & Tessarolo, F. M. (2016, setembro). Influenciadores digitais e as redes sociais enquanto plataformas de mídias. Em *XXXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação*, São Paulo, SP. Retirado de <https://portalintercom.org.br/anais/nacional2016/resumos/R11-2104-1.pdf>

Valsiner, J. (1998). *The guided mind*. Cambridge: Harvard University Press

Valsiner, J. (2012). *Fundamentos da Psicologia Cultural: mundos da mente, mundos da vida* (A. C. S. Bastos, Trad.). Porto Alegre: Artmed.

Valsiner, J. (2014). *An invitation to cultural psychology*. London: SAGE Publications.

Woodward, K. (2000). Identidade e diferença: uma introdução conceitual. Em T.T.

Silva (Org.), *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais* (pp. 7-72).

Petrópolis: Vozes.

Anexos

Anexo A

Roteiro de Entrevista Individual Semiestruturada

Pergunta introdutória: Primeiramente, gostaria que você falasse um pouco sobre você.

1. Você faz uso de redes sociais? Se sim, quais?
2. No seu dia a dia, quanto tempo você passa conectado(a) ao *Instagram*?
3. Algumas pessoas atribuem grande importância às redes sociais em sua vida, outras pessoas não pensam dessa forma. Qual é a sua opinião?
4. Você acha que sofre alguma influência dos conteúdos que você acessa no *Instagram*, ou não? Eles influenciam no seu modo de vestir, agir, comer e se comportar, ou não? Por quê? (Se sim, como? Você pode citar alguns exemplos?)
5. O que você pensa acerca dos digital influencers?
6. Você segue ou conhece algum influenciador negro? Se sim, quem? Por quê?
7. Você segue ou conhece algum influenciador branco? Se sim, quem? Por quê?
8. Para você, quais são as características de um rosto bonito?
9. Você acha que o *Instagram* nos impõe um padrão de beleza, ou não? Por quê?
10. Você já se sentiu excluído(a) do padrão de beleza presente nas redes sociais, ou não? Se sim, como você se sentiu? Você pode descrever esse sentimento?
11. Você já comparou seu corpo com o de alguma personalidade do *Instagram*, ou não? Por quê?
12. Quais aspectos você leva em consideração antes de postar uma foto no *Instagram*? Por quê?
13. O que o termo “beleza negra” representa para você? Por quê?
14. O que o termo “beleza branca” representa para você? Por quê?

Anexo B**Imagens Previamente Seleccionadas****Imagem 1**

Quem você gostaria de ser? Por quê? Quem você não gostaria de ser? Por quê?

Imagem 2

Quem você gostaria de ser? Por quê? Quem você não gostaria de ser? Por quê?

Anexo C

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE

Padrões Hegemônicos de Beleza, sua Disseminação através do Instagram e Consequências para Prática Clínica: Um Recorte Étnico-racial

Instituição dos(as) pesquisadores(as): Centro Universitário de Brasília - UniCEUB

Pesquisadora responsável: Profa. Dra. Ana Flávia do Amaral Madureira

Pesquisador assistente: João Marcelo Santos Silva do Nascimento

Você está sendo convidado(a) a participar do projeto de pesquisa acima citado. O texto abaixo apresenta todas as informações necessárias sobre o que estamos fazendo. Sua colaboração neste estudo será de muita importância para nós, mas se desistir a qualquer momento, isso não lhe causará prejuízo.

O nome deste documento que você está lendo é Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). Antes de decidir se deseja participar (de livre e espontânea vontade) você deverá ler e compreender todo o conteúdo. Ao final, caso decida participar, você será solicitado(a) a expressar concordância e receberá uma cópia do documento.

Antes de assinar, faça perguntas sobre tudo o que não tiver entendido bem. A equipe deste estudo responderá às suas perguntas a qualquer momento (antes, durante e após o estudo).

Natureza e objetivos do estudo

- O objetivo desse estudo é analisar o impacto subjetivo produzido pelos padrões de beleza hegemônicos nas construções identitárias, psicológicas e na auto-percepção de pessoas negras a partir da análise da rede social *Instagram* na percepção dos participantes e as implicações disso no contexto clínico.
- Você está sendo convidado(a) a participar exatamente por corresponder ao perfil de participante delimitado para este estudo.

Procedimentos do estudo

- Sua participação consiste em responder uma entrevista individual virtual sobre o tema focalizado na pesquisa.
- O procedimento consiste em uma entrevista individual virtual, com a apresentação de imagens previamente selecionadas. A entrevista será gravada em áudio, com o seu consentimento, para facilitar o posterior trabalho de análise feito pelos pesquisadores.
- Não haverá nenhuma outra forma de envolvimento ou comprometimento neste estudo.

Riscos e benefícios

- Este estudo possui baixos riscos que são inerentes ao procedimento de entrevista.

- Medidas preventivas serão tomadas durante a entrevista e a apresentação de imagens para minimizar qualquer risco ou incômodo. Por exemplo, será esclarecido que não há respostas certas ou erradas em relação às perguntas que serão apresentadas e que é esperado que o(a) participante responda de acordo com as suas opiniões pessoais.
- Caso esse procedimento possa gerar algum tipo de constrangimento, você não precisa realizá-lo.
- Com sua participação nesta pesquisa, você poderá contribuir com a construção de uma compreensão mais aprofundada acerca da temática investigada.

Participação, recusa e direito de se retirar do estudo

- Sua participação é voluntária. Você não terá nenhum prejuízo se não quiser participar.
- Você poderá se retirar desta pesquisa a qualquer momento, bastando para isso entrar em contato com um dos pesquisadores responsáveis.
- Conforme previsto pelas normas brasileiras de pesquisa com a participação de seres humanos, você não receberá nenhum tipo de compensação financeira pela sua participação neste estudo.

Confidencialidade

- Seus dados serão manuseados somente pelos pesquisadores e não será permitido o acesso a outras pessoas.
- O material com as suas informações (gravação em áudio da entrevista) ficará guardado sob a responsabilidade do pesquisador assistente, João Marcelo Santos Silva do Nascimento, com a garantia de manutenção do sigilo e confidencialidade, e será destruído após a pesquisa.
- Os resultados deste trabalho poderão ser apresentados em encontros ou revistas científicas. Entretanto, ele mostrará apenas os resultados obtidos como um todo, sem revelar seu nome, instituição a qual pertence ou qualquer informação que esteja relacionada com sua privacidade.

Se houver alguma consideração ou dúvida referente aos aspectos éticos da pesquisa, entre em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa do Centro Universitário de Brasília – CEP/UniCEUB, que aprovou esta pesquisa, pelo telefone (61)3966.1511 ou pelo e-mail cep.uniceub@uniceub.br. Também entre em contato para informar ocorrências irregulares ou danosas durante a sua participação no estudo.

Eu, _____ RG _____, após receber a explicação completa dos objetivos do estudo e dos procedimentos envolvidos nesta pesquisa, concordo voluntariamente em fazer parte deste estudo.

Brasília, ____ de _____ de _____.

Participante

ANA FLÁVIA DO AMARAL MADUREIRA

Pesquisadora responsável: Ana Flávia do Amaral Madureira
Celular: (61) 99658-7755
E-mail: ana.madureira@ceub.edu.br

JOÃO MARCELO SANTOS

Pesquisador responsável: João Marcelo Santos
Celular: (61) 99398-6662
E-mail: joao.nspi@gmail.com

Anexo D

PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: Padrões Hegemônicos de Beleza, sua Disseminação através do Instagram e Consequências para Prática Clínica: Um Recorte Étnico-Racial

Pesquisador: Ana Flávia do Amaral Madureira

Área Temática:

Versão: 1

CAAE: 37636320.8.0000.0023

Instituição Proponente: Centro Universitário de Brasília - UNICEUB

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 4.371.422

Apresentação do Projeto:

O presente Projeto de Monografia do Curso de Graduação em Psicologia do Centro Universitário de Brasília – UniCEUB é intitulado: “Padrões Hegemônicos de Beleza, sua Disseminação através do Instagram e Consequências para Prática Clínica: Um Recorte Étnico Racial”. O Projeto de Monografia em questão apresenta como referencial teórico a psicologia cultural e tem como objetivo geral analisar os impactos subjetivos produzidos pelos padrões de beleza hegemônicos nas construções identitárias, psicológicas e na auto-percepção de pessoas negras a partir da análise da rede social Instagram na percepção dos participantes da pesquisa e suas implicações no contexto clínico.

Em termos metodológicos, será utilizada uma metodologia de investigação qualitativa mediante a realização de entrevistas individuais semiestruturadas com participantes que sejam maiores de idade, estudantes do curso de Psicologia, a partir do 4o semestre. As entrevistas serão realizadas de forma integrada à apresentação de diferentes imagens previamente selecionadas. O uso de imagens visa estimular a construção de narrativas e reflexões por parte dos/as participantes sobre as temáticas focalizadas no Projeto de Monografia em questão. De forma mais específica, serão realizadas seis entrevistas com estudantes do curso de Psicologia, a partir do 4o semestre, de ambos os gêneros que se consideram usuários frequentes de redes sociais, sendo três que se consideram negros/as e três que não se consideram negros/as.

Endereço: SEPN 707/907 - Bloco 6, sala 6.205, 2º andar

Bairro: Setor Universitário

CEP: 70.790-075

UF: DF

Município: BRASILI

Telefone: (61)3966-1511

E-mail: cep.uniceub@uniceub.br

Após a realização das entrevistas individuais semiestruturadas, as mesmas serão transcritas e interpretadas a partir de categorias analíticas temáticas, construídas após a transcrição das entrevistas. Tais categorias serão elaboradas a partir de temas relevantes, considerando a fundamentação teórica, os objetivos do estudo e as informações construídas na pesquisa de campo. Além de funcionar como “instrumento do pensamento e da ação” dos/as pesquisadores/as no trabalho de análise e interpretação das informações construídas na pesquisa de campo, as categorias analíticas permitem organizar os resultados de uma forma que facilita a elaboração de análises comparativas sobre os aspectos convergentes e os aspectos divergentes presentes nas entrevistas realizadas.

Objetivo da Pesquisa:

Objetivo Primário:

Analisar os impactos subjetivos produzidos pelos padrões de beleza hegemônicos nas construções identitárias, psicológicas e na auto-percepção de pessoas negras a partir da análise da rede social Instagram na percepção dos participantes da pesquisa e suas implicações no contexto clínico.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Riscos:

A pesquisa apresenta baixos riscos. Tais riscos são inerentes ao procedimento de entrevista. Medidas preventivas durante a entrevista serão tomadas para minimizar qualquer risco ou incômodo. Por exemplo, será apresentada a orientação de que não existem respostas certas ou respostas erradas e que é esperado que o/a participante responda de acordo com as suas opiniões pessoais. Mesmo assim, caso esse procedimento possa gerar algum tipo de constrangimento aos/às participantes, os/as mesmos/as não precisam realizá-lo.

Benefícios:

Ao participar da pesquisa em questão, os/as participantes colaborarão com o desenvolvimento de uma compreensão mais aprofundada sobre o tema focalizado na pesquisa.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

A pesquisa apresentada tem objeto relevante bem definido e a metodologia é adequada aos objetivos buscados e cumpre com as regras da ética em pesquisa.

Os riscos são apresentados como mínimos e os cuidados em relação aos participantes são pontuados, enquanto os benefícios, são identificados como acadêmicos.

O cronograma indica coleta de dados entre 14/10/2020 e 31/10/2020.

Endereço: SEPN 707/907 - Bloco 6, sala 6.205, 2º andar

Bairro: Setor Universitário

CEP: 70.790-075

UF: DF

Município: BRASÍLIA

Telefone: (61)3966-1511

E-mail: cep.uniceub@uniceub.br

Pesquisa de baixo custo, a ser financiada pelos pesquisadores.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Consta Folha de Rosto sem as assinaturas, porém, a coordenadora do curso de psicologia da instituição proponente autoriza a realização da pesquisa por email.

Não foi apresentado Termo de Aceite Instituição, visto a pesquisa realizar a coleta de dados virtualmente e o recrutamento dos participantes se dar de modo virtual.

O TCLE está adequado do ponto de vista ético, com linguagem acessível, informações pertinentes sobre os objetivos, riscos e benefícios e procedimentos do estudo. Constam os contatos e identificação dos pesquisadores, além, dos contatos dos pesquisadores.

Recomendações:

O CEP-UniCEUB ressalta a necessidade de desenvolvimento da pesquisa, de acordo com o protocolo avaliado e aprovado, bem como, atenção às diretrizes éticas nacionais quanto ao às Resoluções nº 446/12 e nº 510/16 CNS/MS concernentes às responsabilidades do pesquisador no desenvolvimento do projeto:

A responsabilidade do pesquisador é indelegável e indeclinável e compreende os aspectos éticos e legais, cabendo-lhe:

I.- apresentar o protocolo devidamente instruído ao sistema CEP/Conep, aguardando a decisão de aprovação ética, antes de iniciar a pesquisa, conforme definido em resolução específica de tipificação e gradação de risco;

II.- desenvolver o projeto conforme delineado;

III.- conduzir o processo de Consentimento e de Assentimento Livre e Esclarecido;

IV - apresentar dados solicitados pelo CEP ou pela Conep a qualquer momento; manter os dados da pesquisa em arquivo, físico ou digital, sob sua guarda e responsabilidade, por um período mínimo de 5 (cinco) anos após o término da pesquisa;

V - encaminhar os resultados da pesquisa para publicação, com os devidos créditos aos pesquisadores associados e ao pessoal técnico integrante do projeto;

VI - elaborar e apresentar os relatórios parciais e final;

VII- apresentar no relatório final que o projeto foi desenvolvido conforme delineado, justificando, quando ocorridas, a sua mudança, interrupção ou a não publicação dos resultados.

Observação: Ao final da pesquisa enviar Relatório de Finalização da Pesquisa ao CEP. O envio de relatórios deverá ocorrer pela Plataforma Brasil, por meio de notificação.

Endereço: SEPN 707/907 - Bloco 6, sala 6.205, 2º andar

Bairro: Setor Universitário

CEP: 70.790-075

UF: DF

Município: BRASILI

Telefone: (61)3966-1511

E-mail: cep.uniceub@uniceub.br

Continuação do Parecer: 4.371.422

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Analisadas as informações de documentos apresentados, é a opinião deste CEP que a pesquisa está apta a ser iniciada.

Por ser a pesquisa realizada de modo virtual, sugere-se que o consentimento seja obtido, também de modo virtual, quando da realização da entrevista, por meio oral, e armazenado junto com a entrevista.

Considerações Finais a critério do CEP:

Protocolo previamente avaliado, com parecer n. 4.371.418 /20, tendo sido homologado na 16ª Reunião Ordinária do CEP-UniCEUB do ano, em 25 de setembro de 2020.

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Outros	AutorizacaoCoordenacao.pdf	11/09/2020 12:39:44	Lohana Araújo Pontes	Aceito
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BASICAS_DO_PROJETO_1626151.pdf	10/09/2020 08:40:00		Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	CERTOpsubmeter.pdf	10/09/2020 08:06:21	JOAO MARCELO SANTOS SILVA DO NASCIMENTO	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	tcle.pdf	10/09/2020 08:00:46	JOAO MARCELO SANTOS SILVA DO NASCIMENTO	Aceito
Folha de Rosto	folhaDeRosto.pdf	10/09/2020 07:57:03	JOAO MARCELO SANTOS SILVA DO NASCIMENTO	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

Endereço: SEPN 707/907 - Bloco 6, sala 6.205, 2º andar

Bairro: Setor Universitário

CEP: 70.790-075

UF: DF

Município: BRASILI

Telefone: (61)3966-1511

E-mail: cep.uniceub@uniceub.br

BRASILIA, 29 de Outubro de 2020

Assinado por:
Marilia de Queiroz Dias Jacome
(Coordenador(a))

Endereço: SEPN 707/907 - Bloco 6, sala 6.205, 2º andar

Bairro: Setor Universitário

CEP: 70.790-075

UF: DF

Município: BRASILI

Telefone: (61)3966-1511

E-mail: cep.uniceub@uniceub.br